



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

BRUNO MANUEL GONÇALVES BARBOSA

**Ação caritativa de D. Frei Bartolomeu dos
Mártires**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga
2019

Resumo:

Na história eclesiástica do século XVI encontra-se um dos mais importantes Arcebispos de Braga, Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, nascido em Lisboa, no ano de 1514, entrando, em 1528, para a ordem de São Domingos. Foi nomeado Arcebispo de Braga em 1559. Com o seu estilo simples e austero foi o eco de uma Igreja que queria mudar de paradigma, tendo em conta os grandes desafios do século XVI, procurando combater duas formas de pobreza: intelectual e material. Deste modo, empreendeu grandes reformas para combater a pobreza intelectual e espiritual dos seus diocesanos, sobretudo após a participação no Concílio de Trento.

Responsável por uma grande extensão territorial, desde o Minho até Trás-os-Montes, o Arcebispo deparou-se com graves crises económicas e, sobretudo, demográficas, devido às grandes epidemias e pestes que se alastraram por todo o território nacional colocando os bens da Igreja ao serviço dos que mais necessitam.

Palavras-chave:

Bartolomeu dos Mártires; ação caritativa; bens da Igreja.

Abstract:

In the ecclesiastical history of the 16th century, one of the most important Archbishops of Braga is Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, born in Lisbon in the year 1514, joining in 1528 an Dominican Order. He was appointed Archbishop of Braga in 1559. With his simple and austere style, he echoed a Church that wanted to change its paradigm, taking into account the great challenges of the 16th century, seeking to change two forms of poverty: intellectual and material. In this way, it undertook major reforms to combat the intellectual and spiritual poverty of its diocesans, especially after participating in the Council of Trent.

Responsible for a large territorial extension, from Minho to Trás-os-Montes, the archbishop understood severe economic and demographic crises, due to epidemics and pests that spread throughout the national territory, putting the Church at the service of those who use it most.

Key-Words:

Bartolomeu dos Mártires, charitable action, church property

Introdução

Existem datas e momentos no ser humano que o marcam para o resto da vida. Assim é o sentimento que possuo. A primeira vez que ouvi falar em D. Frei Bartolomeu dos Mártires foi no dia 4 de novembro de 2001, aquando da sua beatificação em Roma, pelo Papa João Paulo II. Era uma criança com uma década de idade, que seguia a transmissão da celebração pelos meios de comunicação social. A partir deste momento, o contacto com esta figura seria permanente, sobretudo pelas casas de formação pelas quais passei, muito concretamente, o Seminário de Viana do Castelo, a ele dedicado, e o Seminário Conciliar de Braga, cujo obreiro e impulsionador foi este insigne Arcebispo.

Ora, a Diocese de Viana do Castelo decidiu, em boa hora, celebrar um ano jubilar dedicado à figura do Beato Bartolomeu dos Mártires, na celebração dos 500 anos do seu nascimento (1514-2014). Foi um ano de graça, na medida em que se deu a conhecer a vida e obra deste Arcebispo, assim como se pediu a graça da sua canonização.

Perante este cenário, olha-se para este momento do percurso académico como uma oportunidade para conhecer e investigar algum pormenor da vida do Arcebispo Santo. E assim foi. A prática caritativa foi sempre um ponto muito forte na sua vida, contudo, pouco estudada. O objetivo desta investigação prende-se com a apresentação de um dos pontos da sua vida pastoral - a nosso ver - menos desenvolvida. Assim, o presente estudo debruçar-se-á sobre a ação caritativa de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Tal como refere a investigadora Laurinda Abreu, onde «os estudos sobre os bispos não têm privilegiado, sem contudo a ignorarem totalmente, a actividade caritativa e assistencial da sua acção pastoral. E, no entanto, a caridade era uma das

qualidades que se queria inerente à função de prelado»¹, porque, paralelamente ao dever de ensinar, governar e de santificar, os bispos têm a obrigação de assistir às necessidades corporais dos seus fiéis. Desta forma, durante o século XVI apareceram alguns prelados preocupados com esta sua obrigação, fazendo da assistência um ponto muito forte nos seus programas pastorais.

Por conseguinte, a presente dissertação pretende, a partir das publicações portuguesas sobre D. Frei Bartolomeu dos Mártires, reler a vida e ação episcopal sob o prisma do exercício da caridade. Tal investigação terá como base algumas das obras que ele escreveu, as quais serão relidas tendo-se como pano de fundo a sua conceção da prática da caridade, enquanto dimensão essencial do ministério episcopal, ao mesmo tempo que se procuram realçar as suas concretizações pastorais neste âmbito.

Neste sentido, no primeiro capítulo apresenta-se uma síntese biográfica do Arcebispo, procurando-se perceber o seu crescimento e amor para com os mais desfavorecidos. Assim, desde as raízes familiares, passando pela vocação dominicana, indo até à ação do ministério enquanto Arcebispo, o aspeto caritativo sempre esteve presente.

Quanto ao segundo capítulo, este esboçará um panorama sobre os contextos da ação caritativa de Frei Bartolomeu. Estes contextos são importantes para se perceber que o seu ministério foi desenvolvido durante uma situação histórica concreta, em que urgia uma resposta por parte da Igreja na assistência aos mais pobres, sobretudo nos períodos em que emergiam grandes flagelos de pestes e crises, podendo-se observar a situação nacional em paralelo com a situação da Arquidiocese de Braga de então. Contudo, esta assistência por parte do Arcebispo não é isolada, na medida em que

¹ Laurinda ABREU, “Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (Sécs. XVI-XVIII), estratégias de intervenção social num mundo em transformação”, in Laurinda ABREU (ed), *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, 20.

outras instituições, algumas delas que nasceram nesse mesmo período, desempenharam de uma forma mais organizada a ação caritativa, sendo apoiadas pelo poder régio, como é o caso das Misericórdias.

Por fim, o terceiro e último capítulo abordará o desenvolvimento de uma teologia da caridade por parte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Como um iminente teólogo, a preocupação deste Arcebispo, no exercício do ministério episcopal na extensa Arquidiocese de Braga, era aliar os seus conhecimentos teológicos com as suas atitudes. Deste modo, analisar-se-á a assistência caritativa durante o seu ministério pastoral, nomeadamente na consciencialização de que o bispo é pai dos pobres e de que os bens da Igreja estão ao serviço destes. No fundo, a ação de Bartolomeu desenvolve uma teologia caritativa prática, tanto pela simplicidade do seu viver, como na conceção do pobre, na medida em que não se poderia amar a Deus se não se amasse os seus irmãos, e vice-versa.

Finalmente, uma palavra sobre a metodologia usada, sobretudo quanto aos recursos bibliográficos. Quando se fala em Frei Bartolomeu dos Mártires, vêm logo à memória as suas duas grandes obras: o *Estímulo de Pastores* e o *Catecismo ou doutrina cristã e práticas espirituais*. Estas serão as principais obras utilizadas, donde se poderá retirar e absorver todo o pensamento do autor. Olhar para estas obras e vê-las sob o prisma da sua ação caritativa, recolhendo os elementos doutrinários e pastorais de grande relevo, é algo inédito. Contudo, estas obras são complementadas com a biografia de referência deste Arcebispo, que é a majestosa obra de Frei Luís de Sousa. Aqui, e noutros estudos sobre Frei Bartolomeu, verifica-se a concretização da sua teologia na sua ação pastoral, cujo legado ficou perpetuado na memória coletiva de muitos cristãos da Arquidiocese de Braga.

1. Aspetos biográficos

Uma das riquezas da fé cristã é o testemunho admirável da vida daqueles que intercedem por nós junto de Deus: os santos. Ao longo da História, os cristãos procuraram sempre imitar as virtudes dos seus antepassados na fé, perpetuando a sua memória através da literatura, da música, da arte e de outras expressões. Como qualquer pessoa, os santos têm uma história de vida, percorrendo um caminho de perfeição para chegar a Deus.

Na história eclesiástica do século XVI, encontra-se um dos mais importantes Arcebispos de Braga, caracterizado pelas suas virtudes de heroicidade e pelo seu zelo apostólico, que lhe valeu a fama de santidade. Neste sentido, para se compreender a ação caritativa do bem-aventurado D. Frei Bartolomeu dos Mártires, torna-se necessário conhecer a sua biografia e obra. Deste modo, no presente capítulo vai-se expor, de forma sucinta, os traços biográficos deste ilustre prelado, procurando-se contextualizar a sua ação pastoral e, muito concretamente, a sua prática e zelo caritativos.

1.1. Da infância à nomeação episcopal

Apresentar uma breve biografia deste Arcebispo é sintetizá-la num tripé: a família, a Igreja e o estudo. A família de sangue e a ordem de S. Domingos fazem dele um apóstolo com grande notabilidade e sabedoria, da mesma forma, o amor pela Igreja, caracterizado pelo eloquente anúncio do Reino de Deus e a sua vida de oração e, por fim, o estudo, permite defender a doutrina cristã e discernir os sinais dos tempos.

1.1.1. Infância

Na cidade de Lisboa, concretamente na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, vivia um casal chamado Domingos Fernandes e Maria Correia, um casal com boa

reputação e com grande fé. No seio desta família, vivia-se um apreço especial por repartir o pouco que tinham pelos pobres. Assim, desta «singular virtude da caridade lhes quis Nosso Senhor pagar, pelo muito que a estima, dando-lhes um filho tal que fosse extremo nela e honra e alegria deles»². Assim, no mês de Maio, provavelmente no dia três³, do ano de 1514, nasceu um menino chamado Bartolomeu, tendo sido baptizado na igreja paroquial de Nossa Senhora dos Mártires. Desde tenra idade, este menino sentiu os sinais da presença de Deus e do Seu amor pelos que vivem à margem da sociedade, crescendo em graça e em caridade.

Uma das preocupações de Domingos e Maria era a educação religiosa dos seus filhos, Bartolomeu e Catarina. Deste modo, a família rezava quotidianamente, participando nas celebrações litúrgicas da igreja paroquial, onde Bartolomeu observava os altares e reverenciava as imagens dos santos, com grande sentimento de alegria. Em casa, «parecendo pobres, ele era o requerente da esmola, ele o que, com alvoroço e alegria, lha levava»⁴.

Desde tenra idade que Bartolomeu tinha grande inclinação para o saber, nomeadamente para o estudo das letras. Aos catorze anos, já era considerado um ótimo aluno, sobretudo um bom latinista. Todavia, juntamente com o estudo, não poderia ficar de parte a caridade. Exemplo disso são as idas à igreja, nas quais Bartolomeu levava o seu avô, que já tinha alguma idade e era cego. Depois de participar na eucaristia ia para a casa do mestre. No fim da lição, passava na igreja e conduzia, novamente, o avô até casa. «Deste modo lhe foi correndo a adolescência, entre a prática da caridade, a vida de piedade e do estudo»⁵. Em suma, Monsenhor José de Castro sintetiza a sua infância dizendo que «na escola paterna, ficaria mestre na ciência de querer bem a Deus e aos

² Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 13.

³ Cf. Raul de Almeida ROLO, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires. "O Arcebispo Santo"*, 4.

⁴ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 15.

⁵ Maria da SOLEDADE, *Bartolomeu dos Mártires. O "Arcebispo Santo"*, 10.

pobres; e, na aula de gramática, ficaria senhor na arte de manejar o latim com o maior proveito»⁶.

1.1.2. A vocação dominicana

O despertar da sua vocação resulta de várias circunstâncias. Desde a sua infância que o contacto com os padres dominicanos era frequente, ouvindo frequentemente, na sua paróquia, as pregações destes religiosos, tendo assim nascido uma amizade e afeição para com os dominicanos. Por conseguinte, foi crescendo em Bartolomeu um desejo de se entregar totalmente ao Senhor. Assim, no dia de São Martinho de 1528, tomou a decisão de entrar na ordem dominicana, tendo manifestado a sua vontade ao Prior de S. Domingos. Este, procurando saber os desejos do jovem, deu-lhe a conhecer o rigor e a austeridade da Ordem: «obrigação do peixe contínuo e dos jejuns prolongados, as vigias cotidianas, o silêncio, a pobreza, o cilício perpétuo no vestido e na cama, tudo violências quebrantadoras de qualquer natureza mui robusta»⁷. No entanto, o desejo de uma austeridade de vida poderia ser recusada por causa da sua condição física. Por isso, com palavras sábias responde desta forma ao Prior: «Padre (...) trabalhos busco e aborreço mimos. Por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo, e sei que pera a salvação me são necessários, busco a religião. Não temo esses, nem me assombrarão outros maiores, que não há corpo fraco onde o coração é forte»⁸. Verificando as virtudes deste jovem, nesse mesmo dia, Bartolomeu tomou o hábito dominicano, vendo assim realizado o seu desejo.

No período do noviciado, e com apenas quinze anos, Frei Bartolomeu levava uma vida de extrema austeridade. O seu quotidiano estava marcado por grandes

⁶ José de CASTRO, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável*, 43.

⁷ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 18.

⁸ *Ibidem*, 18.

penitências, mortificações e longos períodos do dia dedicados à oração e ao silêncio. Para exercitar ainda mais a sua piedade, dormia muito pouco, com vista a poder ler livros espirituais e rezar.

Por conseguinte, a 20 de novembro de 1529, chegou o dia tão desejado pelo noviço: a profissão religiosa. Ao realizá-la, é costume que os candidatos mudem o seu nome. Desta maneira, Bartolomeu tomou, em homenagem ao seu avô, o apelido de Vale. Contudo, depois de algum período de tempo, o professo pediu para alterar o apelido e adquirir o de Mártires, recordando a igreja onde tinha sido batizado, tornando-se Frei Bartolomeu dos Mártires⁹.

1.1.3. Formação e vida académica

Convém, em primeiro lugar, salientar que se incorreria numa falácia caso se observasse neste religioso dominicano apenas os seus dotes espirituais. Na verdade, Bartolomeu era um místico, mas foi igualmente um grande intelectual. A sua formação intelectual marcou toda a vida e, consequentemente, a sua ação pastoral. Deste modo, a dedicação ao estudo inicia-se muito cedo, sendo que, após a profissão religiosa, Frei Bartolomeu começava o curso de artes – que consistia no princípio da arte de filosofar – em S. Domingos de Lisboa, destacando-se que «entrou nele e estudou com tal cuidado que, em Lógica e Filosofia, não tinha igual entre todos seus condicípulos. Foi logo prosseguindo na Teologia Escolástica e Moral»¹⁰.

No ano de 1532, Frei Bartolomeu participa no Capítulo Provincial intermédio, em Guimarães, destacando-se pela sua laborosa e hábil intervenção, na qual defende conclusões de Filosofia. Contudo, a sua ciência irá manifestar-se plenamente no

⁹ Cf. Maria da SOLEDADE, *Bartolomeu dos Mártires. O “Arcebispo Santo”*, 13.

¹⁰ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 22.

capítulo realizado em Lisboa em 1538, no qual este frade dominicano é promovido a Leitor. Neste momento, inicia o ofício de pregador, pregando contra todos os pecados e vícios, conduzindo o Povo de Deus para uma vida de perfeição. No fundo, desejava *Ardere et lucere*, ou seja, nos sermões pretendia «arder em fogo de amor divino e da salvação dos ouvintes, e depois alumiar com a sua doutrina»¹¹. Em 1542, começa a ensinar teologia no Convento da Batalha. Passados nove anos, a 17 de maio de 1551, foi eleito para participar no Capítulo Geral de Salamanca, tendo despertado a atenção de todos pela sua cultura teológica e virtudes, valendo-lhe a nomeação de Doutor e Mestre em Teologia. No entanto, vendo tantos títulos atribuídos e tantas honras à sua pessoa, Frei Bartolomeu sofria imenso, servindo «mais de carga que de alívio ou de gosto»¹².

A ciência teológica de Frei Bartolomeu era conhecida em todo o Reino, motivando que o Infante D. Luís procurasse que o seu filho, D. António – futuro Prior do Crato –, tivesse como mestre o Frei Bartolomeu dos Mártires. Desta forma, com toda a humildade e obediência, o religioso aceitou esta missão, transferindo-se para a cidade de Évora.

Por volta do ano de 1557 ou 1558, Frei Bartolomeu foi eleito Prior do Convento de São Domingos de Benfica. Nesta nova missão, realça-se a sua preocupação pela formação dos noviços, a par de uma preocupação especial para que os religiosos cumprissem o voto da pobreza, nomeadamente nas refeições, onde o Prior mandava repartir pelos pobres «o peixe que estava guisado e prestes pera o jantar da comunidade, dizendo que em tempos de necessidade, pera religiosos que professavam pobreza,

¹¹ *Ibidem*, 26.

¹² *Ibidem*, 28.

bastavam ervas e fruta»¹³. Trata-se, porém, de um pequeno exemplo da atenção que o Prior tinha para com todos os que batiam à porta do Convento.

1.1.4. Nomeação episcopal

A Arquidiocese de Braga, a maior e a mais importante de então, no mês de março de 1558, via morrer o seu pastor, o Arcebispo Primaz e Senhor de Braga, D. Frei Baltasar Limpo. A partir de então, a Rainha D. Catarina deparou-se com uma grande responsabilidade: indigitar um novo Arcebispo de Braga. Uma vez que não faltavam pessoas capazes e desejosas deste cargo, a Rainha procurava um pastor idóneo e provido de grandes virtudes. Desta forma, tendo consultado o seu confessor, Frei Luís de Granada, este apontou imediatamente o nome de Frei Bartolomeu dos Mártires. A proposta do Provincial dos Dominicanos foi logo aceite pela Rainha, vendo-o como um homem culto e cheio de virtudes. Contudo, teriam que tentar convencer Frei Bartolomeu a aceitar esta nomeação.

Deste modo, Frei Bartolomeu foi chamado pela Rainha, para que esta lhe comunicasse a sua indigitação. Perante este novo encargo, Frei Bartolomeu recusou veemente a sua indigitação para tão grande encargo, considerando ser algo tão desajustado para uma pessoa como ele, desdobrando-se «com muita humildade todas as razões que lhe ocorriam pera não merecer nem haver de aceitar tamanha honra»¹⁴. Sem nenhum resultado, a Rainha acudiu ao Provincial, para que o fizesse mover da sua decisão. Após várias tentativas sem efeito por parte de Frei Luís de Granada, este viu-se obrigado a utilizar o poder que detinha, impondo o preceito de obediência aos seus superiores. Forçado pela obediência e sob pena de excomunhão, Frei Bartolomeu

¹³ *Ibidem*, 34.

¹⁴ *Ibidem*, 38.

aceitou o cargo, avisando, porém, o Provincial de que não mudará em nada o seu estilo de vida.

Desta forma, no dia 27 de janeiro de 1559, chegou do Papa Paulo IV a sua nomeação para Arcebispo de Braga, tendo-lhe sido concedido o pálio no consistório realizado a 6 de março do mesmo ano. A sua ordenação episcopal aconteceu na igreja de S. Domingos, em Lisboa, no dia 3 de setembro de 1559. D. Frei Bartolomeu chega a Braga no 4 de outubro de 1559, de forma simples e modesta¹⁵.

1.2. Arcebispo reformador

A grande preocupação do Arcebispo e, por sua vez, o centro da sua ação pastoral, foram os seus diocesanos. O zelo pastoral chamava a uma intervenção urgente, porém, via à sua volta um relaxamento crasso, inclusive no papado. Ao olhar para o povo de Deus, lembrava-se das palavras de Jesus Cristo ao ver a multidão: «encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor» (Mt 10,36). Absentismo do clero paroquial, acumulação de benefícios, falta de zelo e ignorância eram algumas das maiores doenças do clero da sua Arquidiocese. Bartolomeu dos Mártires sentia que a Igreja necessitava de uma remodelação.

Por isso, para levar adiante um conjunto de reformas, necessitou de tomar algumas decisões importantes como, por exemplo, o início das visitas pastorais – antes e após a participação no Concílio de Trento –, a criação de escolas de casos de consciência, salientando-se ainda que, após regressar do Concílio decide realizar um Sínodo diocesano, convoca o IV Concílio Provincial e funda o Seminário.

A par da pobreza material daquela época, havia uma enorme pobreza intelectual e pastoral, como se verificava nas visitas pelas paróquias da Arquidiocese, sobretudo

¹⁵ Cf. Raul de Almeida ROLO, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 8.

por parte dos clérigos. Com as visitas, «viu por seus olhos e apalpou as grandes necessidades espirituais que pela mor parte dela havia: a falta de doutrina, tanto nos doutrinados como nos doutrinantes; muitos sacerdotes idiotas e pouco idóneos, alguns viciosos e, ainda assi, maus de contentar»¹⁶.

No combate à pobreza intelectual, o Arcebispo começou, em primeiro lugar, por estabelecer no paço episcopal aulas de casos de consciência, para a formação dos padres da Arquidiocese. Contudo, face à carência de formação, cria o Colégio de São Paulo para a formação do seu rebanho, deixando-o ao cuidado da Companhia de Jesus. No entanto, o empenho do Arcebispo na formação das suas gentes não fica por aqui. Estando de visita à vila de Viana, entendeu que seria necessário uma escola para ensinar, pregar e corrigir aquela gente, fundando aí um mosteiro. Ora, no dia 12 de novembro de 1560, dá-se o contrato de fundação do Convento da Santa Cruz em Viana do Castelo.

Após uma participação notável no Concílio de Trento, o *Bracarense* começou a implementar as propostas de Trento, de forma muito destemida. Em primeiro lugar, convocou o Sínodo diocesano para a receção e aplicação dos decretos do Concílio. Este teve início no dia de São Martinho, 11 de novembro de 1564, participando os capitulares da Sé de Braga, das colegiadas – Valença, Barroso, Barcelos e Guimarães –, superiores dos mosteiros, abades, reitores e outros clérigos. Desde o início dos trabalhos, sentiu uma oposição à aceitação das diretrizes tomadas no Concílio, sobretudo por parte do Cabido. Várias foram as razões desta contestação, sendo que, para a maioria dos participantes, a aplicação dos decretos «prejudicavam económicamente e pessoalmente, nomeadamente os da residência pessoal, não acumulação de benefícios, capacidade

¹⁶ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 91.

literária e dignidade moral do clero»¹⁷, além de se considerar que prejudicava a escolha dos novos candidatos ao sacerdócio. Apesar das oposições sentidas, o Sínodo diocesano encerrou a 14 de novembro de 1564, tendo D. Frei Bartolomeu proclamado os decretos sinodais. Perante esta decisão, o Cabido recorre à Santa Sé, tendo esta, por sua vez, aceite estes mesmos decretos, permitindo assim que o Arcebispo prosseguisse com as suas reformas.

O Concílio de Trento determinou que os metropolitas convocassem um Concílio Provincial, a fim de colocar em prática os decretos emanados do Concílio. Por sua vez, tendo ainda presente na memória a contestação ao Sínodo diocesano, o Arcebispo convoca um Concílio Provincial. Assim, convoca os bispos sufragâneos e os respetivos cabidos para o IV Concílio Provincial de Braga, a iniciar no dia 8 de setembro de 1567¹⁸. Das muitas propostas que o Arcebispo levou para o Concílio Bracarense, algumas foram acolhidas e outras categoricamente recusadas, estando elas à volta da reforma dos mosteiros, dos casamentos clandestinos, do grande problema da ausência de residência dos párocos nas paróquias e dos bispos nas dioceses, do combate às superstições, dos abusos cometidos nas festas religiosas e de outros problemas. No fundo, pretendeu «incutir no clero arquidiocesano através do IV Concílio Provincial de Braga o seu mesmo padrão de vida (...) nesse sentido procurou espiritualizar ainda mais os decretos tridentinos, atarrachar excessivamente a conduta do clero com o agravamento das penas»¹⁹. No entanto, face à oposição dos cabidos da metrópole e da rigidez dos decretos, a Santa Sé suavizou algumas disposições aprovadas pelo Concílio Bracarense.

¹⁷ António Franquelim Sampaio NEIVA SOARES, *A Arquidiocese de Braga no século XVII. Sociedade e mentalidade pelas visitas pastorais (1550-1700)*, 144.

¹⁸ Cf. Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 396.

¹⁹ António Franquelim Sampaio NEIVA SOARES, *A Arquidiocese de Braga no século XVII*, 174.

Por outro lado, a formação do clero consistiu numa das preocupações mais marcantes de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, preocupação existente ainda antes de partir para o Concílio tridentino. Um dos decretos do Concílio prendeu-se com a criação de casas de formação para os futuros clérigos. Por conseguinte, D. Frei Bartolomeu foi um pioneiro na concretização desta diretiva, tendo-a concretizado logo que chegou a Braga, a qual contou, mais uma vez, com forte oposição. Contudo, a criação do Seminário era um projeto prioritário para o Arcebispo, pois estava consciente de que a reforma só seria possível com um clero instruído. Ultrapassando todos os obstáculos, a fundação do Seminário de S. Pedro é concretizada em 1572, tendo sido edificado no Campo da Vinha de Santa Eufémia²⁰.

Por outro lado, o prelado sentia que as visitas pastorais eram o meio para conhecer as suas ovelhas, e assim exercer da melhor forma o seu *múnus* pastoral. De facto, ele próprio se questionava: «Que outra coisa vem a ser o bispo, senão como que o sol da sua diocese, homem todo a arder em zelo, votado inteiramente à conquista das almas para Cristo, a pregar sempre com o seu exemplo e muitas vezes com a sua palavra?»²¹. Assim, as visitas pastorais constituíam a alma do seu ministério pastoral, considerando-as como uma oportunidade para conhecer e corrigir os errantes, isto é, ele entendia-as como

«próprio do *múnus* pastoral, porque todas são ovelhas vossas, e não se deve fazer caso da opinião do mundo quando diz que as muitas visitas pastorais desprestigiam o *múnus*, e que basta confiar tal encargo a alguns. Para esses tais, só está em jogo a conservação do prestígio; a promoção da dignidade das almas não conta para nada. Lembrai-vos que a caridade não é ambiciosa, nem amiga do fausto; recordai-vos que sois discípulo

²⁰ Cf. *Ibidem*, 175-183.

²¹ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 247.

daquele que não veio para ser servido, mas para servir, percorrendo cidades e aldeias em busca das almas»²².

Além disso, aproveitava ainda a ocasião para incentivar os fiéis à prática das boas obras e da virtude. No fundo, Bartolomeu foi um verdadeiro pastor de almas, dedicando grande parte do seu tempo ao conhecimento das necessidades dos seus diocesanos, porque «ele nunca consentiu governar o seu rebanho de longe, mas queria, como bom e solícito pastor, chamar a todas as suas ovelhas pelo próprio nome e que todas elas conhecessem a sua voz»²³.

Durante a visita pastoral, o Arcebispo procurava cuidar de todas as coisas relacionadas com o culto divino, corrigir os comportamentos imorais dos clérigos e dos leigos, exigir a residência do clero paroquial nas suas paróquias, obrigá-los a celebrar os sacramentos, sobretudo a eucaristia nos domingos e dias de preceito, a doutrinar os fiéis através da pregação, além de obrigar ao cumprimento dos testamentos, do estipêndio justo, entre outras coisas similares²⁴. No fundo, as visitas tinham três objetivos: limpar, iluminar e aperfeiçoar. Procurando conhecer os desvios doutrinários e as imoralidades, Frei Bartolomeu impregnava uma limpeza de fundo, corrigindo-os fraternalmente. A par da purificação das pedras vivas, ele preocupava-se também com o estado dos templos, nomeadamente nas alfaías que se destinam ao culto divino. Nas visitas pastorais, a limpeza e o aperfeiçoamento das almas eram acompanhadas pela formação doutrinária e moral, pelo ensino através da pregação – tendo mais tarde escrito o *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*²⁵. Todavia, a tarefa do Arcebispo não foi nada fácil: durante as visitas, deparou-se com muitas oposições, porque

²² *Ibidem*, 140.

²³ Raul de Almeida ROLO, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 9.

²⁴ Cf. António Franquelim Sampaio NEIVA SOARES, *A Arquidiocese de Braga no século XVII*, 187-188.

²⁵ Cf. Raul de Almeida ROLO, *Bartolomeu dos Mártires. Obra social e educativa*, 84-90.

muitos eclesiásticos temiam pela perda de privilégios, nomeadamente pela perda do direito dos padroados e dos benefícios eclesiásticos, entre outras dificuldades sentidas²⁶.

1.3. Arcebispo Conciliar

Andava D. Frei Bartolomeu dos Mártires ocupado com as reformas na sua Arquidiocese, quando o Papa Paulo IV convoca a terceira e última sessão do Concílio de Trento, em 29 de novembro de 1560. O *Bracarense*, como seria conhecido em Trento, partiu de Braga a 24 de março de 1561, chegando a Trento a 18 de maio de 1562. Ressalta-se desde já que a viagem de ida e volta caracterizou-se por uma grande simplicidade, manifestada quer na comitiva quer nos locais onde ficava hospedado, tendo para tal preferido os conventos dominicanos. Chegado a Trento, deparou-se com o adiamento dos trabalhos conciliares, em resultado do atraso de muitos padres conciliares, levando a uma espera de cerca de oito meses, durante a qual pôde inteirar-se das questões conciliares já abordadas e concluir a redação do *Stimulus Pastorum*²⁷.

Todavia, neste período, mesmo encontrando-se geograficamente distante, o Arcebispo mantinha uma forte preocupação pela sua Diocese, sendo testemunhas disso as numerosas cartas que escreveu para Frei João de Leiria, governador do Arcebispado, nas quais dava orientações para o governo da Diocese, nomeadamente com a possível propagação das doutrinas luteranas. A este propósito, recomenda: «Suspeito muito que, se nessa terra se permitisse algum destes falsos evangelistas, ajuntaria muitos discípulos (...) torno a pedir a V. Reverência que se esforce muito e cresça seu zelo em apagar o fogo da luxúria por esse arcebispado (...) Cubra lá V. R. este inverno muito bem os

²⁶ Para ver as dificuldades por ocasião das visitas pastorais ver: Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 351 e ss.

²⁷ Cf. José CALDAS, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. 4, 7-39ss. Sobre a atuação de D. Frei Bartolomeu no Concílio de Trento, José de Castro desenvolve um estudo profundo na obra citada (volumes 3-6).

nus»²⁸. Portanto, mesmo em Trento, a atenção do Arcebispo para com a sua Diocese, especialmente para com os pobres e os doentes, era uma constante²⁹.

Na cidade de Trento, D. Frei Bartolomeu era considerado e respeitado por todos, vendo nele um pastor sábio e santo. A este respeito, Monsenhor José de Castro caracteriza a sua presença em Trento nestes termos:

«Dom Frei Bartolomeu foi a personagem de maior relevo pela ciência e a santidade, o maior condutor dos Padres conciliares, o teólogo eminentíssimo que, em frases de bronze, melhor soube reduzir a formas lapidares as ideias vitoriosas, donde dizer-se entre os teólogos do Concílio que: *Bartolomaeus de Martiribus multa in paucis*»³⁰.

Quando chegou a Trento, o Arcebispo já possuía um grande conhecimento da sua Arquidiocese, fruto de um ano e meio de visitas pastorais, tendo presentes as dificuldades e problemas a que era necessário dar resposta. Face a isto, e dada a sua generosidade, grandeza de coração e zelo pelo bem da Igreja, redigiu 268 petições ao Concílio. Apesar de não ter tido oportunidade de as expor, o certo é que o espírito delas estava patente nos assuntos decretados. Na realidade, as temáticas das petições debruçavam-se sobre a necessidade de uma reforma das estruturas da Cúria Romana – Papa, Cardeais, Legados e Núncios –; aos bispos; aos sacerdotes, religiosos e religiosas; aos benefícios; aos sacramentos; e a outras matérias. No fundo, o *Bracarense* propunha uma urgente, profunda e rigorosa reforma, porque a Igreja e o mundo precisavam de reformas e não de dogmas³¹.

De facto, sem estar com grandes rodeios, mas usando um tom firme e claro, o Arcebispo reflete e denuncia os grandes males do estado em que se encontrava a Cúria

²⁸ Carta enviada para Frei João de Leiria, no dia 22 de Setembro de 1561, in Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 167-168.

²⁹ Cf. *Ibidem*, 147.

³⁰ José de CASTRO, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável*, 61.

³¹ Cf. Raul de Almeida ROLO (org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Estudos - Textos - Documentos*, 365-375.

Romana. Assim, sobre o funcionamento da Cúria, expõe: «todo o orbe clama contra os funcionários da Cúria Romana; realmente, para que servem tantos oficiais, inúteis e desnecessários, dos escritos apostólicos? (...) Sentam-se de perna cruzada na chancelaria e atribuem a si mesmos o título de solicitadores, quando de facto não solicitam coisa alguma»³². De facto, a desordem estava instalada na Igreja, inclusivamente no Romano Pontífice. Apesar do Concílio não deter intenção de falar do Papa, o Arcebispo defende que as reformas devem abarcar também o Sucessor de Pedro, nomeadamente na sua eleição. Para isso, propõe que seja eleita «uma pessoa irrepreensível, e não apenas de entre os cardeais, porque muitas vezes os cardeais se criaram entre vaidades e prazeres»³³. Quanto aos cardeais, o *Bracarense* pede que sejam eleitas pessoas com grande dignidade, piedade e ciência, sem ligações familiares com o Papa e com a idade mínima de trinta anos.

Numa época em que as ovelhas não conheciam a voz do seu pastor, o Arcebispo procurou com toda a força defender a tese de que a residência dos bispos nas suas Dioceses era de direito divino. Esta medida seria imperativa, levando ao estabelecimento de punições para aqueles que não cumprissem este dever. E aqui surgia outra questão: Quem é que poderia ser bispo? Tal como os cardeais, Bartolomeu defendeu que deveriam ser pessoas com grande piedade e ciência, com a idade mínima de trinta anos, possuindo apenas uma Diocese. Além disso, defendeu que outra das missões do ministério episcopal consistiria nas visitas pessoais às suas paróquias, referindo ainda o dever de procurar pessoas idóneas para exercer o ministério presbiteral, e de lhes conceder a formação necessária.

³² Bartolomeu dos MÁRTIRES, “Petições de D. Frei Bartolomeu dos Mártires no Concílio de Trento”, in Raul de Almeida ROLO (org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Estudos - Textos - Documentos*, 407.

³³ *Ibidem*, 381.

Portanto, com todo o ardor e zelo apostólico, D. Frei Bartolomeu apresentou uma das questões conciliares que originou maior divisão: a residência dos bispos. Num período histórico marcado pelo absentismo pastoral, «a disciplina da residência pessoal vinha-lhes perturbar a vida principesca e regalada que gozavam e confiná-los na pobreza de uma só Diocese, carregada de trabalhos, exigências e solicitude da grei»³⁴. Deste modo, para combater estes abusos, o prelado, numa das suas intervenções no Concílio, incitou a que «considerem os Padres o que se pode fazer para que os patriarcas, arcebispos, bispos, e, de um modo geral, todos os que têm cura de almas, residam nas suas igrejas e não se ausentem senão por motivos justificados, imperiosos e úteis à Igreja Católica»³⁵. Esta reforma conciliar revestia-se de uma enorme importância na vida da Igreja, pois tentava terminar com os inúmeros benefícios a que os eclesiásticos tinham direito, nomeadamente na acumulação de várias paróquias e Dioceses. Na verdade, ser padre numa paróquia ou bispo de uma Diocese correspondia, naquele período, a grandes receitas económicas para satisfazer os seus luxos e extravagâncias, situação que Bartolomeu denunciou³⁶.

As propostas do Arcebispo influenciaram a elaboração dos documentos conciliares. Esta influência só foi possível graças à sua experiência pastoral na sua Arquidiocese, nomeadamente no contacto com todos os problemas das estruturas eclesiais, e na reflexão teológica vislumbrada nos debates conciliares³⁷.

³⁴ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 63.

³⁵ Pontos de reforma propostos aos Padres Conciliares por D. Frei Bartolomeu dos Mártires a 11 de Março de 1562, in Raul de Almeida ROLO (org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Estudos - Textos - Documentos*, 443.

³⁶ “Que coisa mais indigna de um bispo, do que afanar-se pelos móveis e bens da sua casa, indagar tudo, inquirir de tudo, roer-se de suspeitas, deixar-se arrastar por coisas loucas e vãs? Digo isto para vergonha de alguns que todos os dias examinam os seus haveres, tudo contam, e de tudo exigem contas minuciosas até ao último ceitil”, Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 135.

³⁷ O zelo, o desassombro e o espírito de algumas propostas de Bartolomeu dos Mártires estão presentes nos documentos conciliares, conforme refere José CALDAS, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. 5, 287.327.436-437.

1.4. Renúncia e morte do Arcebispo

Como observámos anteriormente, o antigo prior do convento de São Domingos de Benfica nunca pretendeu a dignidade episcopal. Para além da formação teológica e da ação pastoral, a renúncia ao Arcebispado é um facto que marca a história da Igreja. A sua profunda humildade e desejo de voltar para a cela dominicana marcaram todo o seu ministério episcopal, ao contrário da posição de José Caldas:

«Como ave batida pela fúria da tempestade e que, por não achar braço ou ramo de árvore onde apoiar-se, voa na demanda do ninho que lhe fora berço nos dias da Primavera, assim Frei Bartolomeu dos Mártires, açoutado pela tormenta da vida, e cortada a alma pelo travo dos desenganos e pela amargura das desilusões, foi acolher-se ao convento que fundara em Viana, esperando ali a morte, ou antes, o *seu despacho*, como ele apelidava a hora bendita da sua libertação»³⁸.

Portanto, depreende-se que a renúncia do *Bracarense* é consequência da sua coerência de vida e não de uma fuga, contrariando a afirmação do autor supracitado.

Ao longo dos quase vinte e quatro anos em que presidiu à Igreja arquidiocesana, D. Frei Bartolomeu procurou servi-la com grande fidelidade e amor, impregnando nela profundas reformas. Durante o seu episcopado, nunca se adaptou ao seu encargo pastoral, desejando recolher-se no convento dominicano como um simples frade. Desde cedo a ideia da resignação estava presente, escrevendo: «ai de vós, se começais a comprazer-vos na cátedra e a perder pouco a pouco o temor»³⁹. Quando voltou do Concílio de Trento e enfrentou o problema da concretização das reformas conciliares, o

³⁸ José CALDAS, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires (profana verba)*, 367.

³⁹ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 209. Nesta edição, encontramos o testemunho do Doutor Diogo Paiva de Andrade sobre o Arcebispo: “afirmava que, após ter sido elevado ao fastígio daquela dignidade, nada haver tão frequentemente repassado diante dos olhos como os horrendos e formidáveis tormentos do inferno, dos quais temia só dificilmente poder livrar-se; e ser seu único alívio, em tamanha aflição, o facto de nunca a tal ter aspirado, mas até – quando espontaneamente lhe fora oferecido – só à viva força o ter aceitado”, “Ao Cristão Leitor”, in *Estímulo de Pastores*, LXIX-LXX.

Arcebispo pensou em pedir a resignação. De facto, «em 1564 o Primaz encara a hipótese da deposição do cargo como uma libertação para a sua alma, mas não apresenta a renúncia porque ainda se sente válido e capaz de útil à grei que lhe fora compulsivamente confiada»⁴⁰. Contudo, D. Frei Bartolomeu tinha como horizonte o pedido de resignação ao Arcebispado. Desta forma, pede várias vezes aos reis que governavam o reino, nomeadamente à Rainha D. Catarina, que o tinha escolhido, e ao Rei D. Sebastião. Na mesma linha, fez várias diligências em Roma para que o seu pedido fosse aceite. Aliás, na visita que fez ao Santo Padre, por ocasião do Concílio de Trento, o Arcebispo pediu a Pio IV, grande admirador da sua pessoa e do seu zelo apostólico, a renúncia ao Arcebispado, porém, a resposta ao pedido foi negativa, porque o Papa via nele um homem cheio de virtudes. Entretanto, morre o Papa Pio IV e sucede-lhe o Papa Pio V, o qual havia pertencido à mesma ordem religiosa que D. Bartolomeu. A 4 de novembro de 1576, o *Bracarense* escreve ao Papa a pedir a renúncia, argumentando que «diariamente me sinto mais gasto, como também porque me sinto menos apto para o ónus»⁴¹. Em resposta, Pio V recusa o pedido.

Posteriormente, Frei Bartolomeu, sentindo-se exausto e cansado, com a idade avançada, agravada com problemas de saúde, pede ao Papa Gregório XIII, sucessor do Papa Pio V, a renúncia. Para que o Papa aceite o seu desejo, aproveita as Cortes de Tomar e pede a Filipe II, rei de Portugal, que intercedesse junto do Papa para a aceitação do pedido. Desta feita, o pedido da renúncia de D. Frei Bartolomeu foi apresentado em consistório, a 6 de novembro de 1581, sendo que alguns cardeais mostraram-se contra, argumentando que «não se deve admitir tal renúnciação. Esse prelado é tocha acesa do mundo, espelho de virtude, defensor da imunidade da Igreja,

⁴⁰ Raul de Almeida ROLO, *A renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Teologia e História*, 179.

⁴¹ José de CASTRO, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável*, 100.

zelador da reformação eclesiástica, pai dos pobres, emparo de viúvas, órfãos e necessitados. (...) Se é velho, dê-se-lhe um coadjutor»⁴².

Porém, estando o Arcebispo em visitas pastorais pela Diocese, Gregório XIII aceita a sua renúncia e nomeia como sucessor D. João Afonso de Meneses, notícia que recebe com grande alegria a 22 de fevereiro de 1582, partindo em direção ao convento de Santa Cruz, na então vila de Viana, para aí se recolher como frade dominicano.

Nos anos seguintes, novamente recolhido num convento dominicano, Bartolomeu pôde reviver o saudoso tempo de vida enquanto simples frade, levando uma vida comum, com muita humildade, inclusive no vestir. De tal forma levava uma vida simples e austera, que,

«Quem o visse, ninguém diria que era um arcebispo e senhor de Braga. Mais parecia um frade comum, obediêntissimo aos seus superiores, despido de fausto e de pompa, limitadíssimo no tratamento da sua pessoa, todo ele uma dávida permanente ao próximo, indo a toda a parte onde sabia haver necessidade, quase sempre a pé (...) em jejum porque tudo dava aos pobres»⁴³.

Nas relações com os outros confrades, pedia incessantemente que o tratassem como um mero frade, sem nenhum destaque para si⁴⁴. Contudo, Bartolomeu não deixava de arder em zelo e de iluminar aquele povo, dedicando-se à pregação, nomeadamente aos domingos e dias santos pelas freguesias à volta do convento, assim como «enfinar o final da Cruz, & o Padre noffo aos meninos, tomandolhe elle proprio a mão, & formandolhe com ella as Cruzes, ajudãdoos a formar, & pronunciar as palauras fagradas»⁴⁵, conforme descreve o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha.

⁴² Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 519.

⁴³ José de CASTRO, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável*, 102.

⁴⁴ Para conhecer em maior detalhe o seu quotidiano e a forma como vivia quando chegou ao convento de Santa Cruz, ver Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 524-532.

⁴⁵ Rodrigo da CUNHA, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, vol. II, 382.

Em suma, D. Frei Bartolomeu dos Mártires não renunciou apenas para poder descansar do trabalho realizado. Na verdade, o seu modo de viver será caracterizado por duas ideias: primeira, «um frade elevado ao episcopado continua sujeito a todas as regras e observâncias da sua Ordem compatíveis com o múnus episcopal»⁴⁶; segunda, que «os bens que se recebem da Igreja não são prémios de méritos, mas estipêndios de ministérios»⁴⁷.

Todavia, o coração ardente e iluminado do Arcebispo vai fracassando, levando o povo a quem ele serviu com tanta dedicação a rezar incessantemente pelo seu Pastor. O Arcebispo de Braga, D. Frei Agostinho da Cruz, sabendo do estado de saúde de D. Frei Bartolomeu, acorre a Viana para assistir e cuidar deste luzeiro da Igreja. Vendo que o encontro com o Pai estaria breve, pede a administração da Santa Unção, encarando com grande serenidade e paz interior este momento. Assim, este peregrino faz a sua última peregrinação rumo à morada eterna do Altíssimo. Por conseguinte, «morreu oito anos depois de se retirar ao convento de Viana e de haver renunciado ao arcebispado de Braga, no dia 16 de Julho de 1590, na idade de 76 anos e dois meses, no 62.º ano do seu ingresso na Ordem dos Pregadores, no 32.º da sua promoção ao arcebispado, e no 8.º da renúncia feita para se tirar ao claustro»⁴⁸.

Sabendo do falecimento do Arcebispo Santo, o povo de Viana dirigiu-se ao convento, chorando a partida de quem o protegeu e cuidou. Entretanto, D. Frei Agostinho de Jesus, o cabido de Braga e os vereadores desta cidade pretendiam levar o corpo do Arcebispo para Braga. Porém, esta intenção encontrou grande oposição por parte dos vianenses. Na verdade, a principal razão pela qual devia o corpo permanecer em Viana era o cumprimento do testamento do Arcebispo, realizado no dia 7 de julho de

⁴⁶ Raul de Almeida ROLO, *A renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Teologia e História*, 183.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ José de CASTRO, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável*, 108.

1590, no qual indicara que «quero e ordeno que, levando-me Nosso Senhor pera Si, meu corpo seja sepultado neste mosteiro de Santa Cruz de Viana que eu fundei. E declaro que faço pura e irrevogável doação inter vivos a este mosteiro dos meus livros e dos meus móveis que tenho, e assi de tudo o que me pertencer»⁴⁹.

Resolvido este problema, as celebrações fúnebres decorreram com todas as honras devidas a tão grande Arcebispo, às quais tomaram parte uma multidão de gente, de nobres, religiosos, padres, cónegos e autoridades civis. Desta forma, D. Frei Bartolomeu foi sepultado no presbitério da Igreja do mosteiro de Santa Cruz, do lado da Epístola⁵⁰. Aqui ficou até 26 de maio de 1609, quando se procedeu à transladação do seu corpo para a sepultura atual.

1.5. Obras escritas

A memória de D. Frei Bartolomeu dos Mártires não ficou perpetuada apenas pela sua forma de vida e ação, mas também pelos seus escritos. Des modo, na sua obra literária, verifica-se uma variedade de áreas do saber, desde as obras de teor ascético e místico, de reflexão teológica até aos escritos pastorais. Por outro lado, é difícil obter uma lista com todos os escritos, devido ao facto de, para alguns, não haver nenhuma referência da sua existência, exceto na obra de Frei Luís de Sousa⁵¹, que traça uma vasta obra literária, apresentando algumas obras cuja existência se desconhece.

Portanto, serão abordadas, de forma sucinta, as três obras impressas durante a sua vida – *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*; *Estímulo de Pastores*; e *Compêndio de Doutrina Espiritual* –. O contacto com estas páginas, escritas pelo Arcebispo, será um ponto de referência para se contextualizar e melhor conhecer o seu

⁴⁹ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 577.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 606-616.

⁵¹ Para tomar conhecimento dos escritos de D. Frei Bartolomeu dos Mártires ver: *Ibidem*, 668-671.

ministério e, de forma muito concreta, a sua ação caritativa, de modo a que a reflexão sobre esta temática não se restrinja a um elenco de ações caritativas promovidos pelo prelado, mas, e sobretudo, se possa compreender o entendimento que ele tem dos pobres e qual o lugar destes no quadro das ações pastorais da Igreja.

Em primeiro lugar, reflete-se sobre o *Catecismo*. Na verdade, a elaboração de catecismos não é uma ideia que tenha surgido apenas no Concílio de Trento, pois naquela época já existia uma grande publicação de catecismos para prover a necessidades pastorais, em especial na luta contra as ideias protestantes⁵². Desta forma, as preocupações pastorais, nomeadamente no ensino da doutrina, levam o Arcebispo a redigir o *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, por volta do Sínodo diocesano de 1564. A pouca formação doutrinal dos clérigos, assim como a ignorância do Povo de Deus, foram os motivos que o levaram a escrever esta obra⁵³. Em virtude deste estado lastimoso, o Arcebispo pretendia decididamente pôr termo a estes problemas. Neste sentido, deseja doutrinar os seus fiéis, sendo que, uma vez que seria impossível estar em todos os lugares, «ordenou escrever de sua mão um douto, breve e fácil catecismo em que, por estilo chão e claro e acomodado à capacidade do povo, declarou em nossa linguagem os pontos principais e os mais necessários artigos da doutrina cristã»⁵⁴. Do mesmo modo, continua o seu biógrafo, Frei Luís de Sousa, a relatar que Bartolomeu «lançou logo outro de uns sermões breves sobre as festas principais de Cristo e de Nossa Senhora, pera se lerem pola roda do ano, nos tais dias onde faltassem pregadores»⁵⁵. Por conseguinte, atendendo aos seus escritos para doutrinar os fiéis, percebe-se que «quem escreve já não é o professor, o mestre, mas o

⁵² Na realidade, Lutero havia redigido dois catecismos – um maior e outro menor – para formação dos cristãos, o qual obteve grande impacto entre o povo. Cf. Daniel-ROPS, *História da Igreja de Cristo. A Reforma Protestante*, vol.4, 375.

⁵³ Cf. Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 91.

⁵⁴ *Ibidem*, 93.

⁵⁵ *Ibidem*, 94.

pastor; não é um escrito académico, mas directamente pastoral»⁵⁶. Porém, fica patente o seu conhecimento teológico, através de abundantes citações da Sagrada Escritura e dos Santos Padres. Portanto, esta obra teria como finalidade, nas palavras de Frei Bartolomeu, que

«qualquer Abade, Reitor, Vigário ou Capelão deste nosso Arcebispado que em cada Domingo – ou dia de guarda, para o qual, no presente livro, se não acha ordenado especial sermão ou prática, leia um capítulo da Doutrina Cristã; e nas Festas ou Domingos para os quais vão escritos particulares sermões, leia, em cada Domingo ou Festa, o sermão que lhe pertence»⁵⁷.

Assim, este subsídio consistia num excelente auxílio para a pregação e para o ensino da doutrina, o ponto de haver muitas para quem não cumprisse o que estava prescrito.

Em segundo lugar, tem-se a obra *Stimulus Pastorum*, marcante ainda pela sua atualidade. Uma vez que o Arcebispo se encontrava em Trento para as sessões conciliares, aproveitou o tempo para a pesquisa e conhecimento das grandes obras de teologia, nomeadamente os comentários à Sagrada Escrituras e as obras dos Padres da Igreja. Por conseguinte, o *Stimulus* tem origem numa recolha de elementos sobre o perfil e a função dos bispos nos Padres da Igreja, onde Bartolomeu poderia rever o seu ministério episcopal. Quanto ao conteúdo, sobretudo na segunda parte, ele «descreve as tarefas próprias do bispo, como equilibrar a gravidade do ofício com a afabilidade e suavidade do pastor, o exercício da misericórdia e da liberalidade, a prudência e circunspeção a guardar nas palavras e nas maneiras, a humildade e a modéstia de que

⁵⁶ Pio Gonçalo Alves de SOUSA, *Presença patristica na obra teológica de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, in Raul de Almeida ROLO (org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Estudos-Textos-Documentos*, 68.

⁵⁷ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*, prólogo.

se deve rodear»⁵⁸. Efetivamente, o Arcebispo escreve esta obra para que a sua ação evangelizadora seja um contínuo *ardere et lucere*.

Por fim, atende-se ao *Compêndio de Doutrina Espiritual*. Este fora publicado por Frei Luís de Granada, uma das pessoas mais próximas e conhecedoras do perfil e das virtudes de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Desta forma, tendo o mesmo tido contacto com inúmeros escritos do seu confrade, Granada toma a iniciativa de publicar com pequenas mudanças os apontamentos particulares do Arcebispo. Em 1582, é publicado em Lisboa o *Compendium Spiritualis Doctrinae ex variis Sanctorum Patrum Sententiis magna ex parte collectum*. Contrariando a vontade de D. Frei Bartolomeu quanto ao pedido de não publicar os seus escritos pessoais, o Provincial dos dominicanos não podia deixar que ficasse esquecida uma obra desta envergadura, que ajudaria na edificação espiritual de muitos leigos e clérigos⁵⁹. Como nos indica Frei Luís de Sousa, «pera os homens espirituais escreveu um excelente volume que todo religioso devia trazer de continuo na mão, e a doutrina dele na alma. É ãa guia ou escada pera com facilidade se sobir ao alto monte da contemplação»⁶⁰.

De facto, no *Compendium* torna-se claro o grande conhecimento que Bartolomeu tinha da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, encontrando-se, neste guia espiritual, apontamentos de São Dionísio Areopagita, Orígenes, São Basílio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Gregório Magno, Santo Isidoro de Sevilha, Ricardo de São Vítor, e, sobretudo, de São Bernardo, São Boaventura e Jean Gerson⁶¹. Desta forma, os

⁵⁸ Raul de Almeida ROLO, *Bartolomeu dos Mártires. Obra social e educativa*, 53.

⁵⁹ “o Reverendíssimo Prelado escreveu este livro, não para ser impresso e publicado, mas somente para si. E eu de tal maneira fiquei cativado com a sua leitura, que mais com a sua convivência do que com a sua vontade, tratei de o imprimir e de o publicar, de modo que não somente ele mas todas as pessoas piedosas e, sobretudo, os que se aplicam aos estudos da Teologia Mística, pudessem participar deste tesouro preciosíssimo”, Frei Luís de GRANADA, *Ao amável leitor*, in Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Compêndio de Doutrina Espiritual*, 5.

⁶⁰ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 669.

⁶¹ Cf. Aníbal Pinto de CASTRO, *Introdução*, in Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Compêndio de Doutrina Espiritual*, XV.

apontamentos dos Santos Padres, juntamente com toda a sua vida de intensa oração e ascese permitiram que esta obra se tornasse numa das referências da teologia mística em Portugal do século XVI. Neste guia espiritual, no dizer do seu biógrafo, contacta-se com uma enorme sensibilidade, que se torna mais presente pelo «seu ardente zelo da caridade e do amor que lhe mereciam os pobres»⁶², devendo estar aqui o segredo para tantas edições e traduções.

Para além destas três grandes obras, D. Frei Bartolomeu dos Mártires detinha um grande número de escritos da sua autoria. Perante a vastíssima obra literária, não é possível estabelecer uma lista das obras que o Arcebispo escreveu. Em 1726, quando era necessário recolher todos os escritos do *Bracarense* para o processo de canonização, as suas obras estavam espalhadas por vários locais. Por meio do trabalho laboroso de J. Quétif e de J. Échard foi possível reunir-se algumas obras, tendo D. Malachias D'Inguimbert editado em 1734 dois volumes de obras com a designação de *Opera omnia*. Apesar da publicação de D. Inguimbert não conter todos os escritos de Bartolomeu, trata-se de um trabalho importante, na medida em que conseguiu divulgar e guardar textos que se poderiam ter ficado perdidos⁶³.

No século XX, graças à investigação de vários apaixonados pela teologia e vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, encontraram-se alguns manuscritos inéditos. Com a publicação da *Theologica Scripta* foi possível entrar em contacto com o tesouro inextinguível de reflexão teológica do antigo professor do Convento da Batalha. A publicação destes escritos teológicos inéditos oferecem não «apenas uma explicação

⁶² *Ibidem*, XVIII.

⁶³ Cf. Raul de Almeida ROLO, *Introdução geral*, in Bartholomaeus de MARTYRIBUS, *Theologica Scripta*, vol. I, 267-291. No primeiro volume da obra *Opera omnia*, encontram-se as seguintes obras: *Vita D. Bartholomaei de Martyribus*; *Compendium spiritualis doctrinae*; *Stimulus pastorum*; *Summa conciliorum omnium*; *Index nominum et rerum notabilium*. No segundo volume contam-se 13 obras, como por exemplo: *Annotationes in Davidicos Psalmos*, *Catechismus sive Doctrina christiana*, *Petitiones quas [...] in Concilio Tridentino facere intendebat*, *Varia Statuenda*, *Postulata episcoporum Italiae in Conc. Tridentino* e outros.

coerente da sua actuação e triunfo indiscutível na grande assembleia tridentina, mas encerravam também a chave da interpretação autêntica da personalidade e da acção pastoral enérgica, por vezes heróica, do Arcebispo»⁶⁴. Com seis volumes, esta publicação apresenta os escritos teológicos das lições que Bartolomeu fazia sobre a *Suma Theologica* de São Tomás de Aquino, assim como outras reflexões teológicas sobre conteúdos da fé.

Assim, pode-se evidenciar que a obra escrita de D. Frei Bartolomeu dos Mártires é extensa. Vários bibliógrafos atribuem ao Arcebispo outros manuscritos que não estão localizados. Estes escritos levantam várias dificuldades, uma vez que não é certa a sua existência. A grande quantidade de manuscritos deve-se ao facto de que, após a renúncia à Arquidiocese, o Arcebispo dedicou oito anos a leituras e ao estudo na sua humilde cela do Convento da Santa Cruz de Viana⁶⁵.

Por fim, atende-se ao epistolário de D. Frei Bartolomeu, sobretudo para as cinquenta cartas que resistiram à voracidade do tempo. Estas cartas permitem, segundo Frei Luís de Sousa, fazer um «retrato vivo de seu dono»⁶⁶, de forma particular na atenção com os necessitados – presente, por exemplo, na correspondência trocada com o governador do Arcebispado, Frei João de Leiria. Também Frei Raúl Rolo descreve de forma sintetizada o carácter do Arcebispo na sua correspondência, afirmando ter

«firmeza de carácter, zelo na administração da sua igreja, caridade heróica com os pobres e empestados, esforço e tenacidade na implantação da reforma tridentina, serenidade nas convulsões políticas e sociais do Reino, liberdade de espírito perante os grandes da terra, requinte espiritual no conselho a almas pias, humildade e desejo perseverante de renunciar à prelazia, etc.»⁶⁷.

⁶⁴ *Ibidem*, 318.

⁶⁵ Cf. Raul de Almeida ROLO, *Formação e vida intelectual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 306-313.

⁶⁶ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 166.

⁶⁷ Raul de Almeida ROLO, *Formação e vida intelectual*, 314.

De referir ainda que, para se contactar com uma parte deste epistolário, tem-se a obra *Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, de Frei Luís de Sousa, que permite entrever, nas cartas contidas, as preocupações e anseios do Arcebispo.

Em suma, «quarenta e dois títulos de obras, trinta e cinco originais e sete compilações, e mais de cinquenta cartas conservadas constituem um honroso índice bibliográfico para quem na sua vida se consumiu não apenas com os livros e labores catedráticos»⁶⁸, mas procurou também iluminar com a sua palavra, o seu exemplo e as suas ações aqueles que lhe estavam confiados.

⁶⁸ *Ibidem*, 316.

2. Contextos da ação caritativa

Durante o século XVI, surgiu, da parte de alguns prelados, uma preocupação especial para com a obrigação da assistência aos pobres, fazendo desta um ponto muito forte dos seus programas pastorais. Desta forma, a ação de D. Frei Bartolomeu dos Mártires constituiu um exemplo paradigmático. Porém, para melhor se compreender a singularidade da sua ação e o impacto das suas medidas, torna-se necessário compreender o contexto social no qual viveu o ilustre Arcebispo. Assim, ao longo deste capítulo, apontar-se-ão algumas características da Arquidiocese de Braga, do ponto de vista social, para de seguida se procurar compreender como a Igreja realizava a assistência aos mais desfavorecidos no século XVI.

2.1. Contexto social do Arcebispado

Para se tomar conhecimento do contexto social da Arquidiocese de Braga, torna-se necessário, em primeiro lugar, atender a alguns elementos sobre a população portuguesa. Dada a escassez de documentação relativa a este período, os elementos recolhidos carecem de uma confirmação da sua veracidade. Recorde-se que durante o governo pastoral de D. Frei Bartolomeu, a Arquidiocese de Braga compreendia as regiões do Minho e Trás-os-Montes.

2.1.1. Ponto de vista demográfico

Ora, em 1527, o rei D. João III manda que se realize em todas as cidades, vilas e aldeias o levantamento da sua população. O recenseamento foi realizado nas províncias do Minho, Beira, Extremadura, Alentejo (entre Tejo e Guadiana), Algarve e Trás-os-Montes. No entanto, foi levantado o número de fogos e não de pessoas, havendo, segundo Fortunato de Almeida, um total de 280528 fogos. Assim, «calculando quatro

habitantes por cada fogo (...) aos duzentos e oitenta mil e quinhentos e vinte e oito fogos de 1527 corresponderiam 1.122.112 almas»⁶⁹. Contudo, e apesar dos dados obtidos não serem exatos, depreende-se que não fugiram muito à realidade, pois percebe-se a existência um ligeiro aumento da população portuguesa nas diferentes províncias no século seguinte, porque se em 1527 se contavam cerca de 1.100.000 habitantes, em 1649 a população portuguesa situa-se entre os 1.400.000 e 1.500.000 habitantes⁷⁰.

Deste modo, também no território da Arquidiocese de Braga a demografia acompanhou este crescimento, pois esta era «uma região de povoamento antigo e denso, a qual sentiu também os graves efeitos da crise e recessão da Peste Negra, tendo havido no século XV uma lenta e espaçada recuperação, não obstante continuarem as fomes e as pestes»⁷¹. Por outro lado, assistia-se ao fenómeno da emigração, tanto para o Oriente como para Espanha, e ao envio de militares para África, a par do êxodo rural para as grandes cidades, sobretudo Lisboa, contando-se, neste período, para equilibrar a balança demográfica, com uma grande presença de escravos vindos de África. De forma mais específica, na Arquidiocese existem grandes variações demográficas. Dentro da comarca de Entre-Douro-e-Minho, sem contar com os limites referentes ao Porto, habitavam cerca de 55.010 pessoas, distribuídas pelos centros urbanos, maioritariamente localizados no litoral, como é o caso de Vila do Conde e Viana do Castelo. Estes centros populacionais tiveram um desenvolvimento elevado, devido ao crescimento dos seus portos marítimos, sobretudo em Viana da Foz do Lima. A presença de uma grande massa populacional, de grandes negociantes, sobretudo oriundos do estrangeiro, contribuiu para que D. Frei Bartolomeu dos Mártires fundasse

⁶⁹ Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. III, 247.

⁷⁰ Cf. Joaquim VERÍSSIMO SERRÃO, *História de Portugal*, vol IV, 275. Também se pode ver os mesmos dados, e até com mais detalhe em José MATTOSO (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, 201-214.

⁷¹ António Franquelim Sampaio NEIVA SOARES, *A Arquidiocese de Braga no século XVII*, 37.

nesta vila um convento com a intenção de doutrinar esta gente. Por sua vez, com características bem diferentes desta, a comarca transmontana possuía cerca de 35.587 habitantes, caracterizando-se por uma grande densidade populacional, como em Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real⁷².

2.1.2. Ponto de vista económico

A nível económico, o território da Arquidiocese caracteriza-se pelos setores agrícola e industrial/artesanal. No século XVI, o espaço geográfico diocesano é marcado por um forte crescimento da produção de pão em vez de vinho, sendo que algumas dessas terras eram de fraca produtividade, imperando, na região de Entre Douro e Minho, a policultura, em contraposição com a monocultura típica da região transmontana. Quanto à propriedade da terra, a maioria dos terrenos pertenciam à Igreja – ordens religiosas e instituições diocesanas – ou à nobreza, os quais eram arrendados. Quanto à atividade industrial e artesanal regista-se, também, um forte crescimento, uma vez que o desenvolvimento industrial estava relacionado com os interesses do Estado mercantilista, sobretudo no setor naval, devido aos descobrimentos, com a construção de caravelas e naus⁷³. Efetivamente, na área geográfica da Arquidiocese de Braga, sente-se um grande desenvolvimento económico no litoral, devido aos portos de mar existentes, com destaque para os portos de Vila do Conde, Fão, Esposende, Viana, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Monção. Este desenvolvimento deve-se, em grande parte, ao crescimento do comércio regional, aos novos caminhos para a economia ultramarina e ao fabrico, com materiais da região, de naus de várias toneladas⁷⁴.

⁷² Cf. *Ibidem*, 37-40.

⁷³ Cf. *Ibidem*, 19-25.

⁷⁴ Cf. Joaquim VERÍSSIMO SERRÃO, *História de Portugal*, vol III, 319-322.

Na verdade, e se a história apresenta períodos de grande fecundidade e de grande desenvolvimento nas dimensões anteriormente apresentadas, não se podem esconder, paralelamente, os períodos em que esse crescimento foi inexistente, atravessando-se graves crises, tanto demográficas como económicas. De facto, sabe-se que existiram anos que permitiram melhores colheitas devido às condições de ordem natural, sabendo-se igualmente da existência de anos onde se sentiu a carência de bens para as populações sobreviverem. Consequentemente, a pobreza extrema que se sentiu no século XVI deve-se sobretudo à falta de pão. Houve a necessidade de se importarem cereais para o alimento das populações, como é exemplo o ano de 1581, tempo em que se importaram de Castela cereais para os habitantes de Lisboa. Neste sentido, a carência de cereais levou a que o rei Filipe II ordenasse o abastecimento de cereais a Viana da Foz do Lima e outras terras de Trás-os-Montes, dispensando-os de pagar os impostos estabelecidos. No caso de Bragança, a população deslocava-se a Castela e à Galiza para aí adquirir mantimentos para combater a fome que se fazia sentir, porém, os preços destes cereais aumentavam de forma exorbitante, contribuindo para situações de pobreza extrema⁷⁵. De referir ainda que o espaço geográfico da Arquidiocese de Braga foi um dos mais afetados por estas crises, onde se tornou evidente a necessidade de uma ação por parte da Igreja no auxílio e na assistência dos mais pobres.

2.1.3. Epidemias e pestes

Como se analisou anteriormente, a população portuguesa aumentou a um ritmo muito moderado. Várias são as causas para esse aumento gradual, como as guerras, os naufrágios e, sobretudo, as epidemias, sendo apresentados outros fatores para este ritmo moderado, tais como «as elevadas taxas de natalidade eram contrabalançadas por um

⁷⁵ Cf. Joaquim VERÍSSIMO SERRÃO, *História de Portugal*, vol IV, 342-348.

nível de mortalidade também elevado (...) A esperança de vida rondaria os 30 anos, consoante a origem do indivíduo e a sua integração em dado contexto socioeconómico»⁷⁶.

As epidemias do século XVI alastraram por todo o território nacional, com grande frequência e com longa duração, vitimando grande parte da população. Observem-se, neste contexto, as pestes quinhentistas que assolaram o solo nacional devido às trocas comerciais, favorecendo a entrada de pessoas com doenças contagiosas. Por outro lado, no século XVI, verifica-se que «a peste esteve na base das grandes mortandades de 1569, 1579-1580, 1598 e 1602»⁷⁷, tornando, pois, pertinente uma análise mais pormenorizada da peste de 1569, uma vez que se situa durante o governo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Assim sendo, a peste do ano de 1569, conhecida pela história como a «peste grande», teve origem na capital do reino, Lisboa, onde provocou uma grande mortalidade⁷⁸. Em consequência, e face a uma nova peste, emergem medidas de prevenção e de isolamento das pessoas contaminadas, que se revelam insuficientes para estancar o alastramento desta a todo o território nacional. Outro problema que ocorre aquando das pestes é a carência de alimentos e, consequentemente, a subida dos seus preços, especialmente do pão, assim como a escassez de remédios para evitar o alastramento da peste. Todos estes factos contribuíram para que todo o território português tivesse de enfrentar a peste. A elevada mortalidade é notória, havendo uma probabilidade de sobrevivência na ordem dos 50%, causando a morte de famílias

⁷⁶ José MATTOSO (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, 214.

⁷⁷ *Ibidem*, 215.

⁷⁸ Fortunato de Almeida descreve um pouco o cenário da cidade de Lisboa: “vitimou oitenta mil pessoas. Parece-nos exagerado este número; porém o próprio exagêro demonstra a grandeza do flagelo. As ruas tornaram-se desertas. Muitos fugiam para os campos e terras indemnes, e os que ficaram andavam como assombrados, com a morte diante dos olhos. Não havia quem quisesse entrar na cidade para acudir aos vivos e confortar os moribundos”, Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. III, 256.

inteiras e, de igual forma, conduzindo ao aumento do número de órfãos, problemas que originaram um estado de emergência social⁷⁹. Face a este cenário trágico, era necessário cuidar daqueles que viviam numa situação de enfermidade ou de carência material.

Desta forma, e perante tal cenário, o Arcebispo e Senhor de Braga teria necessariamente que defender e proteger as pessoas que lhe estavam confiadas. O seu biógrafo, Frei Luís de Sousa, dá conta da presença da peste no reino desde o ano de 1568, relatando que «foi o ano de 1568 infelicíssimo pera este Reino, porque nele teve princípio o cruelíssimo fogo de peste que o correu e abrasou todo com mortandade de infinitas gentes»⁸⁰, contando ainda que a origem da peste terá vindo de Veneza, a partir das mercadorias⁸¹.

Por sua vez, Monsenhor José Augusto Ferreira informa sobre a chegada da peste à cidade de Braga e a atitude do Arcebispo perante tão grande mal da seguintes forma: «no princípio de Fevereiro de 1570 a peste invadiu esta cidade, e dois terços dos seus moradores, alarmados, abandonaram-na. O Arcebispo andava em Visita pastoral, e, logo que teve conhecimento do facto, regressou imediatamente a Braga, onde prestou relevantes serviços, sugeridos pela sua imensa caridade»⁸².

Na realidade, o contágio da peste foi tão grande que todas as regiões foram afetadas. No território arquidiocesano, segundo Frei Luís de Sousa, a peste começou «em Viana, como em lugar de mais comércio, deu juntamente em casas diferentes; ateou-se o fogo, revolveu-se a terra, tratou cada um de fogir, que não há outro meio de escapar, se se toma com cedo»⁸³. Em detrimento disto, D. Frei Bartolomeu dos

⁷⁹ Cf. José MATTOSO (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, 218-219.

⁸⁰ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 425.

⁸¹ José Mattoso cita esta informação de Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 426; na obra *História de Portugal*, vol. III, 219.

⁸² José Augusto FERREIRA, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (sec.III-sec.XX)*, Tomo III, 46-47.

⁸³ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 426.

Mártires, vendo o contágio da peste em Viana, volta para Braga, onde a peste também se fazia sentir. Perante este facto, os responsáveis do governo esperam o Arcebispo no Convento de São Frutuoso para impedir a sua entrada na cidade, no entanto, agradecendo-lhes a vontade e o zelo pela sua saúde, ele não deixou de entrar na cidade, uma vez que «tinha a obrigação de socorrer a todos, e não desamparar a nenhum. (...) não era bom capitão quem se punha em salvo quando os soldados pelejavam; nem bom pastor quem lhe sofria o coração ver de outeiro o perigo das ovelhas»⁸⁴.

Deste modo, ao entrar na cidade, e deparando-se com o cenário de morte e enfermidade, o Arcebispo pretende cuidar dos enfermos e guardar do contágio da peste os que ainda se encontram bem de saúde. Para tal, vai desenvolver uma ação notória, mandando

«levantar na Deveza, além da ponte de Guimarães, um hospital para recolher e curar os doentes com o pessoal medico e de enfermagem preciso; visitava todos os enfermos; fez guardar com rigorosa vigilancia as portas da cidade; ordenou fogueiras por todas as praças e ruas e determinou que se limpasse a cidade de todas as immundicies»⁸⁵.

Paralelamente a estes cuidados, procurou levar a cabo um cuidado espiritual para com os contagiados, designando dois sacerdotes para acompanhar os enfermos e de o informarem de todas as coisas que fossem necessárias para a recuperação dos doentes. Em suma, todas estas medidas tinham como objetivo a diminuição da propagação da peste pela cidade, para que os seus habitantes não tivessem razões para dela saírem, assim como para que os pobres não padecessem ainda mais. De facto, a preocupação do Arcebispo incidia na assistência e na vigilância aos enfermos e aos pobres, negando para si qualquer cuidado e proteção contra a doença contagiosa⁸⁶, podendo-se, em justa

⁸⁴ *Ibidem*, 430.

⁸⁵ José Augusto FERREIRA, *Fastos Episcopales*, Tomo III, 47.

⁸⁶ Cf. Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 431-432.

medida, afirmar que foi a ação de D. Frei Bartolomeu permitiu que a peste durasse pouco tempo na cidade e, conseqüentemente, fez com a taxa de mortalidade neste período fosse menor em relação às outras regiões do Reino.

2.2. Assistência da Igreja no século XVI

A vocação da Igreja à assistência aos pobres tem a sua origem no Seu fundador, Jesus Cristo, sendo que, ao longo dos tempos, a prática da caridade sempre foi um caminho para a salvação dos crentes. Deste modo, a Igreja do século XVI apresentava-se com uma estrutura orgânica e institucional que se esforçou por criar novas formas na prática da caridade e da assistência aos pobres, impulsionada pela contra-reforma⁸⁷.

Assim, a elevada quantidade de viúvas, órfãos e pobres, causados pelas crises económicas e pelas pestes, obrigou-os à mendicidade. Era, pois, urgente arranjar um punhado de pão para quem não o tinha, assim como oferecer os cuidados de saúde para os que andavam doentes. Por isso, desde os finais do século XV e durante o século XVI, aumentaram em Portugal as instituições de assistência aos mais desfavorecidos. Muitas delas foram criadas pela Igreja, sobretudo através dos seus bispos e mosteiros, que distribuíam grande número de esmolas aos pedintes, colocando parte das rendas eclesiásticas para benefício dos pobres. Paralelamente, o poder régio também fundou vários estabelecimentos de assistência aos pobres, encarregando os clérigos e ordens religiosas da administração destas instituições régias, que as dotaram de sentimentos de caridade cristã. Veja-se o exemplo de D. João II, que funda em Lisboa o grande hospital de Todos os Santos, e da Rainha D. Leonor, que fundou um hospital nas Caldas da

⁸⁷ Recorde-se que Martinho Lutero defendia a primazia da fé sobre as obras, considerando que o único meio de que o Homem dispõe para alcançar a salvação é a fé em Jesus Cristo. Cf. Daniel-ROPS, *História da Igreja de Cristo. A Reforma Protestante*, vol.4, 336-348.

Rainha⁸⁸. Do mesmo modo, durante os períodos de peste, D. Manuel I mandou construir um hospital para que fossem recebidos os doentes contagiados pela epidemia. Da mesma forma agiu D. Catarina, que procurou mudar a organização das gafarias, para que assim os leprosos fossem tratados em suas casas⁸⁹.

Na mesma sintonia, a colaboração entre as instituições eclesiásticas e o poder régio contribuiu para a criação de uma grande instituição que assumiu um papel preponderante em todo o país: as Misericórdias. «Em 1498, encontrando-se na regência do reino D. Leonor, por se ter ausentado El-Rei D. Manuel, conseguiu Fr. Miguel (Contreiras) que se inaugurasse a 15 de Agosto a confraria de Nossa Senhora da Misericórdia, com assistência da Rainha»⁹⁰. Fundada esta confraria, D. Manuel aprovou esta nova instituição, e o Papa Alexandre VI confirmou a sua fundação. Fundada em Lisboa, depressa se espalhou por todo o país, pois «entre 1498 e 1621 foram criadas pelo menos 120 misericórdias no continente e ilhas»⁹¹. Pelo número de fundações, poder-se-á verificar o impacto que estas associações de leigos tiveram no plano nacional, sob o impulso e proteção do clero. As Misericórdias multiplicaram-se, sendo que «por toda a parte surgiram os hospitais, asilos, orfanatos, socorros corporais e espirituais a pobres e doentes, instituição de dotes a donzelas e outras tantas obras inspiradas pela caridade sob a organização das Misericórdias, que ao clero e em geral á piedade cristã devem a acumulação de seus fundos de beneficência»⁹². Em suma, com a criação das Misericórdias, surgia uma rede de apoio social que abrangia todo o território nacional.

⁸⁸ Cf. Miguel de OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, 187.

⁸⁹ Cf. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 493-501.

⁹⁰ Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. III, 616.

⁹¹ José MATTOSO (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, 150.

⁹² Fortunato de ALMEIDA, *História de Portugal*, vol. III, 616.

Dado o grande prestígio que as Misericórdias possuem, são-lhe entregues a administração de muitos hospitais. Porém, o grande objetivo da Santa Casa consistia na prática da assistência aos mais pobres, e assim o exercício das obras de misericórdia, sendo que, desta forma, a assistência era «essencialmente dirigida para os pobres, incluindo os envergonhados, a quem dava esmolas e alimentos, para os presos, que procurava libertar ou assistir nas suas necessidades, e para os doentes, que eram visitados em suas casas, sendo-lhes fornecida assistência médica e os medicamentos necessários»⁹³.

Aliada à assistência aos pobres, as Misericórdias possuíam uma vertente espiritual, ajudando a Igreja no desenvolvimento e incremento de práticas religiosas, dado que o exercício da prática da caridade encontra-se em íntima relação com o exercício da espiritualidade. «Embora as Misericórdias fossem instituições leigas, de criação régia, mantinham uma forte ligação à Igreja, desde logo pelo espírito religioso de que estavam imbuídas. A prática das obras de caridade contribuía para a salvação da alma»⁹⁴, sendo que, para além de possuírem alguém responsável pela assistência espiritual – o chamado capelão –, desenvolveram projetos de construções de igrejas, de capelas e de alfaías litúrgicas para o culto.

Neste sentido, como se apontou, as Misericórdias procuraram desenvolver as obras de misericórdia, tanto corporais como espirituais. Exemplo deste entrelaçamento é a prática de enterrar os mortos que, sendo uma obra de misericórdia corporal, possui uma dimensão espiritual fortíssima. Desta forma, a ação das misericórdias é pautada não só pela preocupação da sobrevivência e da assistência corporal, mas também pelo

⁹³ José MATTOSO (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, 187.

⁹⁴ Maria Marta LOBO DE ARAÚJO, “A protecção dos arcebispos de Braga à Misericórdia de Viana da Foz do Lima (1527-1615)”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, 239-259.

exercício de práticas de uma dimensão transcendente. Na obra de José Mattoso, o historiador refere que

«a morte tem um lugar central nas actividades da Misericórdia, afirmada na importância concedida à celebração das missas pelos defuntos e ao acompanhamento dos enterros pelos irmãos da confraria. A participação dos irmãos nos enterramentos (...) demonstra que a assistência praticada pela Misericórdia não se confina a um grupo ou a uma corporação»⁹⁵.

Portanto, por todos estes motivos, a Misericórdia mereceu todo o respeito, colaboração e benefícios da Coroa portuguesa, assim como de tantos portugueses oriundos de todas as proveniências sociais.

Porém, a intervenção da Igreja portuguesa, no contexto da assistência aos mais desfavorecidos, não se detém somente com a ação das Misericórdias. Para além de outras instituições como os hospitais, as gafarias⁹⁶ e os albergues, aparece também uma área de intervenção que só a Igreja detinha: os recolhimentos. Esta instituição assume-se como um espaço educativo que procurava a implementação e reforço dos valores da sociedade e da moral católica. A investigadora Laurinda Abreu caracteriza estes locais como «espaços de reclusão teoricamente voluntária, obedecendo a rígidas regras de admissão, os recolhimentos estruturavam-se em função de três valores fundamentais: a catequese, a moralização social e a ocupação pelo trabalho»⁹⁷. Daqui percebe-se que um dos pontos centrais desta instituição é o controlo dos comportamentos sexuais, uma vez que algumas mulheres que acolhiam eram prostitutas e donzelas órfãs. Ao contrário do que se passa com outras instituições, como é o caso das confrarias e dos hospitais, não

⁹⁵ José MATTOSO (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, 192-193.

⁹⁶ As gafarias eram casas onde se acolhia os leprosos com o objectivo de não contagiar mais pessoas, recorrendo ao isolamento. Algumas gafarias eram fundadas por iniciativa dos leprosos, outras foram fundadas por iniciativa de clérigos. No século XVI, estas casas foram desaparecendo com a diminuição da doença. Ver: Miguel de OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, 187.

⁹⁷ Laurinda ABREU, “Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (Sécs. XVI-XVIII), estratégias de intervenção social num mundo em transformação”, in Laurinda ABREU (ed), *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, 24.

se registam conflitos de grande importância entre a Igreja e a Coroa, o que se depreende dos estudos realizados sobre os recolhimentos. Conclui-se, deste modo, que a responsabilidade pela educação moral das mulheres nestes recolhimentos era exclusivamente tutelada pela Igreja.

Ao longo do século XVI, encontram-se vários clérigos que se empenharam na fundação de instituições de assistência aos mais pobres ou no reforço e engrandecimento das instituições já existentes.

Por conseguinte, atenda-se agora ao caso de Braga, onde os Arcebispos, como responsáveis pelo governo temporal, procuraram, ao longo dos tempos, fundar ou reforçar as instituições da cidade. Em 1508, o Arcebispo D. Diogo de Sousa conclui a construção do hospital de São Marcos, unindo algumas gafarias e instituições e centralizando naquele hospital outros pequenos hospitais que já existiam, tendo, para sustentação da nova instituição, encaminhado rendas de algumas paróquias para o mesmo hospital. Por outro lado, refira-se a figura de D. Frei Baltasar Limpo, que procurou, no ano de 1555, que um dos vereadores da câmara tivesse a responsabilidade de encontrar trabalho laboral para os mais pobres, especialmente os mais jovens oriundos de famílias com poucos rendimentos, e para os órfãos. Quanto ao hospital de S. Marcos, até ao episcopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires era administrado pela câmara, contudo, o Arcebispo anexa esta instituição à Misericórdia, continuando a tendência nacional de entregar os hospitais públicos às Misericórdias⁹⁸.

Os surtos epidémicos que se abateram no solo nacional levaram à criação de casas para prestar os melhores serviços e cuidados às pessoas contagiadas, tornando-se um dos exemplos mais sublimes da prática da caridade. Desta forma, perante a peste de 1569, que se abateu na cidade de Braga, o Arcebispo criou a suas expensas uma casa

⁹⁸ Cf. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 493-496.

fora da cidade para cuidar e recolher os que estavam contagiados com a peste, possuindo pessoas capacitadas para os cuidados médicos e higiénicos. Para além destes cuidados, «visitava o Arcebispo todos e cada dia, tomando informação dos médicos do estado de cada um, e do que convinha para terem saúde, e dos oficiais se faltava alguma coisa»⁹⁹. Logo, com este exemplo nota-se que a prática caritativa aos pobres não é exclusiva das grandes instituições como as Misericórdias, mas que a caridade particular, nomeadamente dos bispos, veio a ter um papel fundamental no auxílio aos pobres.

⁹⁹ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 431. Ver também: Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 499; José Augusto FERREIRA, *Fastos Episcopales*, Tomo III, 47.

3. Desenvolvimento de uma teologia da caridade

A nomeação episcopal de Frei Bartolomeu dos Mártires constituiu um ato de uma enorme ousadia, pois retirar da cela dominicana um frade dedicado ao estudo com um modo de vida pobre, austero e rígido, para assim o elevar ao episcopado foi o eco de uma Igreja que queria mudar de paradigma, tendo em mente os grandes desafios que o mundo do século XVI lhe colocava. Assim, o Arcebispo Santo, como tão carinhosamente o tratavam, desenvolveu, durante o seu ministério, uma teologia da caridade, estando este mesmo conceito relacionado com os grandes mandamentos – o amor a Deus e o amor ao próximo –, tendo Frei Bartolomeu aprofundado o serviço ao próximo, pedido pelo próprio Jesus Cristo. Esta atitude de serviço é entendida como expressão do amor de Deus, no empenho por combater as situações urgentes daqueles que vivem na necessidade ou em situações de injustiça, sendo eco das palavras de S. João, quando este afirma que «se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão» (1 Jo 4, 20-21). Portanto, para Bartolomeu torna-se evidente que nunca seria possível amar a Deus sem amar o próximo, ou vice-versa.

Por conseguinte, ao longo de capítulo vai-se procurar refletir sobre a prática da caridade no ministério episcopal de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, tendo presente o seu estilo de vida como espelho de todas as suas convicções e ações.

3.1. Ação assistencial de D. Frei Bartolomeu dos Mártires

Na verdade, a ação assistencial da Igreja constitui uma prática desde a sua fundação. A Igreja dá a conhecer ao mundo, desde o seu início, que a prática das boas

obras é caminho para a salvação. Deste modo, como se viu no ponto anterior, a prática caritativa do século XVI estava centrada na ação das Misericórdias. Contudo, estas instituições não foram as únicas com um papel relevante na assistência às carências da população, aliás, seria até um erro histórico se não se referisse a intervenção e proteção promovidas pelos responsáveis das Dioceses – os bispos. Muitos deles viram na prática da assistência aos mais pobres e necessitados um programa de atuação para o seu episcopado¹⁰⁰.

Por conseguinte, D. Frei Bartolomeu dos Mártires legou, em letra viva, aquilo que era o seu pensamento deixado através dos seus escritos. Porque, como dá conta Frei Raúl Rolo, «a actividade apostólica de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires tem tanto de teologia como de pastoral. Ele tinha imbuído o espírito nos grandes princípios doutrinários do episcopado e foi à luz desses princípios e guiados por eles que empreendeu irresistivelmente a tarefa pastoral do seu pontificado»¹⁰¹. No *Stimulus Pastorum* contacta-se com grandes conselhos e indicações para que o clérigo seja um exemplo de vida, tanto na vida espiritual como nas obras, sobretudo no acudir aos necessitados, uma vez que ele deve «arder em zelo de caridade»¹⁰² na procura do bem espiritual e corporal dos irmãos. Aliás, o Arcebispo adverte que, no exercício pastoral, pode haver a tentação de pensar que o bem que se deve fazer já está realizado e, por

¹⁰⁰ Vejamos o exemplo de alguns bispos do século XVI, nomeadamente do Cardeal Infante D. Henrique e do Arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança, através dos seguintes estudos: Amélia POLÓNIA, “A actuação assistencial do Cardeal Infante D. Henrique. Linhas de um modelo de intervenção pastoral”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, 135-154; Laurinda ABREU, “O arcebispo D. Teotónio de Bragança e a reestruturação do sistema assistencial da Évora Moderna”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, 155-165. No primeiro estudo sobre o Cardeal Infante D. Henrique, o autor apresenta um quadro com paralelismos sobre a prática da caridade episcopal de D. Henrique e de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, segundo a perspectiva de Frei Luís de Granada. Pode-se consultar outro estudo que abrange outros prelados, alguns deles já do século XVII: José Pedro PAIVA, “O episcopado e a “assistência” em Portugal na Época Moderna (séculos XVI-XVII)”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, 167-196.

¹⁰¹ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 3.

¹⁰² Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 78.

isso, alerta para que «o bom pastor nunca deve olhar para o bem que faz, mas para o que deixa de fazer»¹⁰³. Na verdade, tanto os bispos como os presbíteros e diáconos são colocados no meio do Povo de Deus como luzeiros de caridade no serviço à Igreja e, conseqüentemente, aos seus fiéis, sobretudo dos mais pobres, porque é «mais próprio do múnus episcopal arder em zelo pela defesa dos pobres oprimidos e desamparados, do que dar esmolas. Isto é comum a todos os ricos; aquilo é prova singular de amor paternal»¹⁰⁴. Neste sentido, é este amor paternal que deve caracterizar qualquer prelado, sendo também este acompanhado de um amor maternal que «adapta-se a todos e procura atrair os corações de todos: mostra-se mãe tanto dos defeituosos como dos que progridem»¹⁰⁵, ou seja, trata-se de um amor afável para com todos os que necessitam de proteção e assistência.

Portanto, fundamentando-se na Escritura e nos Padres da Igreja, o Arcebispo desenvolve o perfil ideal do pastor, como aquele que busca o bem das almas e a glória de Deus, por meio da harmonização entre a seriedade e amabilidade, sendo uma pessoa afável para com todos; um pastor que procure viver com uma exemplaridade de vida todos os mandamentos e normas da Santa Igreja; que saiba padecer e compadecer-se com os seus fiéis; que tenha sempre presente que nunca agradará a todos; que procure e cultive a humildade fugindo de todas as tentações, sobretudo da soberba, luxúria e da cobiça; que dos seus lábios e do coração brotem palavras brandas ou duras, conforme as situações; por fim, que tenha uma vida de intensa intimidade com o Senhor, orando várias vezes ao dia para que se configure mais perfeitamente com Cristo, Bom Pastor¹⁰⁶.

¹⁰³ *Ibidem*, 50.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 104.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 179.

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*, 124-129.

Assim, os fiéis poderão deixar de ver os seus prelados como autênticos mercenários¹⁰⁷, para os verem como verdadeiros pastores de Deus, que servem com grande zelo a sua grei.

3.1.1. Os pobres no exercício da caridade

Para D. Frei Bartolomeu dos Mártires, a caridade «alarga o coração pera todos e o enche de alegria e confiança»¹⁰⁸, tornando-se num caminho pelo qual Deus se faz presente no mundo. Além do mais, o exercício da caridade permite a pureza da pessoa humana de tudo o que a impede de aceder e contemplar o Sumo Bem, porque «não há outro caminho senão pola caridade. Só ela mata todos os pecados»¹⁰⁹. Esta expressão foi a síntese teológica que o Arcebispo Santo foi aprendendo e vivendo durante toda a sua vida. Na verdade, o pensamento teológico de Bartolomeu e as suas ações permitem constatar a excelência da caridade sobre todas as outras virtudes:, pois «ela só é a forma, a alma, e vida de todas, sem a qual são mortas. Ela só é a que endireita a intenção em todas-las obras vertuosas, pondo-lhe o verdadeiro fim e alvo a que hão-de atirar, pola qual, com ela, todas ficam vivas e resplandecentes, e, sem ela, todas ficam escuras e murchas»¹¹⁰.

Cumprir a vontade de Deus implica amar a Deus e amar o próximo. Por isso, a responsabilidade de cuidar dos necessitados é inerente ao anúncio do Evangelho, aliás, Cristo identifica-se com eles. «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4,18). No início do seu ministério, Cristo apresenta-se como servidor dos homens, marcado pelo Espírito para evangelizar os

¹⁰⁷ Veja-se a caracterização que Frei Raúl Rolo faz dos pastores em: Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 28.

¹⁰⁸ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*, 86.

¹⁰⁹ *Ibidem*, 87.

¹¹⁰ *Ibidem*, 222.

pobres e libertar dos cativos, deixando as obras de misericórdia como programa para a vida dos cristãos e da Igreja. Por sua vez, D. Frei Bartolomeu dos Mártires soube mostrar que a caridade faz parte da essência da Igreja.

Em consequência, servindo os pobres, a Igreja deve comprometer-se a ajudá-los, pois, tal como os outros irmãos, os pobres são Filhos de Deus e criados à Sua imagem e semelhança (Gn 1, 27). Sobre o Arcebispo, Frei Raúl Rolo afirma que para ele a «fé nos princípios teológicos adoptados e defendidos fizera nascer na sua consciência o imperativo de uma entrega total como pastor, consagrando a vida inteira às necessidades e proveito da sua grei»¹¹¹.

Deste modo, volta-se o olhar para a vida e a ação pastoral do *Bracarense* e identifica-se esta mesma visão teológica. Assim, quando se sentava à mesa para se alimentar, vendo o que colocavam à sua frente, «a primeira cousa era apartar logo ametade pera os pobres, fazendo conta, quando se assentava à mesa, que tinha a Cristo por convidado. (...) pois Ele nos prometeu que nos pobres O teríamos sempre presente, quando disse que a Ele fazíamos o que a eles fizessemos»¹¹². Este episódio não decorria somente no paço episcopal, mas em todo o lado. De facto, Frei Luís de Sousa dá-nos conta que, durante uma visita pastoral, o Arcebispo viu dois sacerdotes pobres que iam em peregrinação para Santiago, sendo que «assentou-os na cabeceira da mesa junto consigo e, como se cada um dos pobres fora a pessoa de Cristo»¹¹³, acolheu-os naquela noite, uma vez que aqueles alimentos eram pertença daqueles sacerdotes pobres. O «grande luzeiro da fé, dos costumes e da acção salvífica da Igreja»¹¹⁴ do século XVI tinha sempre presente que, quando se fizesse algum bem, era a Cristo que se fazia – «Sempre que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o

¹¹¹ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 3.

¹¹² Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 62.

¹¹³ *Ibidem*, 391.

¹¹⁴ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 3.

fizeste» (Mt 25, 40). Não obstante, haviam certos momentos de grande desgosto para o Arcebispo, pois «quando via pobres e se via falto de os poder consolar, não havia para ele maior pena, porque, na sua imaginação, cada pobre lhe representava a pessoa de Cristo»¹¹⁵, recordando-se da anterior citação bíblica.

Assim, no socorro aos pobres, fazia-o de diversas formas, porém, uma das que mais utilizava era a doação de esmolas. Exemplo disto é a sua atitude após a renúncia ao Arcebispado: estando no Convento da Santa Cruz, em Viana, D. Frei Bartolomeu continuou a dar as suas esmolas, não temendo que elas fossem mal entregues, porque para ele «nunca erra em que dá por Jesu Cristo»¹¹⁶. A partir deste facto verifica-se a forma como o Arcebispo se consumiu em proveito do amor para com os pobres e para com Deus, cumprindo fielmente a vontade de Deus, que o levou a saborear, desde já, as delícias eternas que são concedidas a quem exercer a caridade¹¹⁷.

3.1.2. Simplicidade como estilo de vida

O estilo de vida dos bispos, no século XVI, assemelha-se ao estilo em que viviam os nobres nas cortes reais. A honra, o fausto e o bem-estar económicos são características que fazem parte da maior parte dos bispos deste período histórico. Porém, saindo dos claustros dominicanos, D. Frei Bartolomeu dos Mártires não se identifica com a vida de corte real que os bispos levam e, por isso, no *Stimulus Pastorum*, o autor traça os aspetos que um perfeito pastor de almas deveria possuir. Assim, a «pessoa do Bispo e tudo o que o cerca deve respirar modéstia e santa austeridade e pobreza»¹¹⁸, contrapondo-se ao que era habitual, pois estes defendiam-se com estas palavras: «se não

¹¹⁵ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 549.

¹¹⁶ *Ibidem*, 545.

¹¹⁷ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*, 208.

¹¹⁸ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 340.

nos rodearmos de fausto à altura da nossa posição, seremos desprezados pelos seculares»¹¹⁹.

Os bispos eram os príncipes da Igreja. Porém, Bartolomeu veio defender a purificação de todos estes interesses e meandros à volta do episcopado. Para além de outras características, o Arcebispo defende a virtude da humildade que é requerida a um bispo, dizendo que «só deve aceitar a prelazia um homem provado na humildade, na devoção fervorosa e nas demais virtudes»¹²⁰. Esta humildade tinha como fundamento a humildade e simplicidade que o próprio Jesus Cristo e os apóstolos viveram. Sendo os bispos sucessores dos apóstolos, como é que eles poderiam viver de forma tão mundana? Efetivamente, o bispo deve ser modelo de «humildade e de sobriedade»¹²¹, tal como Jesus Cristo, porque «não foi pela boca dos poderosos, dos sábios e dos orgulhosos, mas pela boca das crianças de peito, isto é, pelos Apóstolos simples e desprezíveis, que quiseste manifestar perfeitamente a tua sabedoria e glória. Não há (...) pedra preciosa mais refulgente nos ornamentos pontificais, do que a humildade»¹²².

Nesta corrente, o *Stimulus* apresenta um modelo de pastor de almas que Bartolomeu desenhou para si próprio. A sua ação pastoral é rosto de tudo aquilo que está contido neste livro, sendo agora importante analisar a figura externa da sua pessoa, de modo concreto a humildade e simplicidade com que ele vivia quotidianamente.

Em Braga, perante um paço episcopal de grandes dimensões, o Arcebispo ficou «assombrado da magnificência dos paços, das pinturas, dos dourados (como eles cuidavam), que nada disto estimava, senão considerando de quantos prelados santos, e muito santos, haviam sido morada»¹²³. De facto, para um padre dominicano, habituado

¹¹⁹ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 229.

¹²⁰ *Ibidem*, 239.

¹²¹ *Ibidem*, 237.

¹²² *Ibidem*, 231.

¹²³ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 57.

à austeridade dos espaços e dos seus bens, ver uma casa tão grande e sumptuosa era motivo para ficar assombrado. Bartolomeu não se identificava com todo aquele espaço, sobretudo com os seus aposentos privados. Daí que, quando chegou aos seus aposentos, pediu

«ũa cama sem nenhũa diferença das ordinárias da Ordem de S. Domingos, do feitio seguinte: três tábuas mal lavradas atravessadas sobre dous banquinhos do mesmo lavor. (...) um enxergão de palha, e em cima seu colchão de lã, coberto com duas mantas brancas de pano grosso, (...) entre mantas dormiu toda a vida, sem admitir nenhum género de linho»¹²⁴.

Contudo, a simplicidade não ficava só pela cama, pois no seu aposente também continha uma mesa bastante simples para ele escrever, estando sob ela um crucifixo, uma pequena imagem de Nossa Senhora do Rosário, poucos livros e alguns cadernos de apontamentos escritos pela mão do Arcebispo¹²⁵. Como é possível depreender, transferiu a austeridade da cela dominicana para o paço episcopal, vivendo desta forma durante todo o seu ministério.

Por outro lado, são também alvo de nota a profunda humildade e simplicidade com que D. Frei Bartolomeu se vestia, pois ele sabia que os bispos, «vivendo com ostentação, são antes modelos de ambição, de cobiça, de vaidade, arrastando os súbditos com tal exemplo para os mesmos vícios»¹²⁶. Além do mais, se um prelado ensina que se deve cultivar a simplicidade, tal como fez Jesus Cristo, e vive no meio da ostentação e de todas as pompas, carregado de mantos preciosos, levará a que os fiéis não dêem crédito ao seu ensinamento, porque ele mesmo não constitui um exemplo de vida, dado viver segundo as comodidades e seguranças que o mundo oferece. Além disso, para que

¹²⁴ *Ibidem*, 58. Na página 643, desta mesma obra, o autor informa outras características da cama do Arcebispo.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, 59.

¹²⁶ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 237.

o ensinamento seja fecundo, deve ser notória uma vida exemplar, isto é, ser-se conforme ao que se ensina. Assim, Bartolomeu, acostumado à simplicidade do hábito dominicano, nunca procurou para si grande ostentação na forma como se vestia. Na verdade, escreve o seu biógrafo que «no vestido, como na cama, não admitia nenhum género de linho nem outro lenço; o hábito da ordem não deixou nunca; as túnicas usou sempre de estamena e vestidas a termos tão largos que acontecia perder-lhe a conta»¹²⁷.

Doutro modo, sobre a mesa do bispo, escreve D. Frei Bartolomeu no *Stimulus Pastorum* que «é uma ignomínia e uma vergonha pregar a Cristo pobre e esfomeado, com o corpo bem nutrido, bem como apregoar a doutrina do jejum com a boca e bochechas bem nédias e avermelhadas. Se estamos no lugar dos Apóstolos, imitemo-los não só nas palavras, mas também no modo de viver e na abstinência»¹²⁸. Contudo, a sua crítica vai mais longe, porque os grandes banquetes eram ocasião de grandes pecados, uma vez que os bispos participavam neles para «satisfação da luxúria da carne»¹²⁹, para conspirar e falar da vida dos que não eram convidados, recusando a linguagem extremamente indigna de um sucessor dos apóstolos. No fundo, estes ricos festins, alguns organizados por iniciativa dos bispos, outros por patrocínio deles, e outros por convidados, eram ocasião para se tratar do que é mundano em detrimento do espiritual.

Importa ainda salientar que o Arcebispo Santo não ficava apenas por esta denúncia, mas via mais além. Para ele, o bispo deve ter um cuidado diário com uma das pestes que gira à volta das funções episcopais: a mesa. Nela, deve estar somente aquilo que é necessário para o sustento do corpo, ao contrário de tudo aquilo que satisfaz a gula¹³⁰. Por isso, ele dizia sempre que na «mesa de bispo não havia de aparecer coisa

¹²⁷ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 61.

¹²⁸ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 347.

¹²⁹ *Ibidem*, 348.

¹³⁰ Cf. *Ibidem*, 345, 348-350.

demasiada»¹³¹. Esta preocupação de não esbanjar nada para não cometer certos pecados leva a que Bartolomeu fosse exigente na preparação das refeições da casa episcopal. Em algumas ocasiões, sobretudo quando ele celebrava os pontificais e tinha que alimentar os que assistiam ao altar, é o próprio Arcebispo que via o que se iria servir na refeição, selecionando aquilo que lhe parecia que era exagerado para a mesa episcopal¹³². Mesmo com o necessário para o sustento do corpo, o Arcebispo não cessava de pensar naqueles que não tinham uma refeição e não se encontravam nutridos. De salientar que esta sua atitude perdurou por toda a vida, continuando a mantê-la mesmo após ter renunciado à Arquidiocese e se ter recolhido no Convento de Viana. Assim, «por fraco que fosse o jantar, nunca perdeu o costume antigo de partir ao justo pola metade com os pobres tudo quanto lhe punham diante, pão, vinho, carne, peixe e tudo o que mais fosse»¹³³. Do mesmo modo, durante as visitas pastorais, D. Frei Bartolomeu dos Mártires nunca queria exageros de comida, pois «o maior desgosto que se lhe podia dar era porem-lhe na mesa muitas iguarias; afrontava, gemia, não comia»¹³⁴. Contrariamente, vendo a escassez de alimentos de alguns sítios, já comia com mais gosto. Aliás, em algumas paróquias alimentava-se de broa, uma vez que era alimento para os pobres.

Na verdade, o estilo de vida que o Arcebispo levava não deixava ninguém indiferente, de tal forma que chegaram ecos a Lisboa da forma frugal com que ele vivia, além de outras coisas que mostravam com algum exagero a austeridade de vida. Uma vez que as queixas vinham direcionadas para o provincial dos dominicanos, Frei Luís de Granada, e visto que tinha sido ele o responsável pela escolha de Frei Bartolomeu, resolveu ir pessoalmente até Braga para confirmar os boatos que andavam a circular. Chegado a Braga, o provincial viu a grande modéstia de viver do Arcebispo, porque

¹³¹ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 413.

¹³² Cf. *Ibidem*, 413.

¹³³ *Ibidem*, 530.

¹³⁴ *Ibidem*, 641.

tudo o que tinha era o necessário para o seu sustento e nunca para os excessos que se transformavam em pecados. Por tudo isto, viu-se que os rumores de Lisboa eram totalmente falsos. Contudo, Frei Luís, para acabar com certas murmurações acerca da vida que levava, pediu que seria bom que ele levasse um estilo de vida mais folgado e de acordo com a sua dignidade episcopal¹³⁵. Ouvindo os conselhos do seu provincial, Bartolomeu responde-lhe com uma sábia e profunda resposta, onde recorre ao exemplo de vários santos para explicar a sobriedade de vida, porque no fundo, o seu estilo de vida correspondia ao mandato de Jesus Cristo e ao exemplo dos santos, tornando-se apenas um imitador. Responde então D. Frei Bartolomeu que

«os Santos a pregar pobreza e segui-la em tudo, e eu que me meta em faustos? Os Santos a persuadir-me humildade e meter-se debaixo dos pés de todos, e eu que mostre brios e oufania? Que esteja Cristo mandando aos discípulos que caminhem descalços e sem alforjes, e Fr. Bertolameu, sucessor deles, que ande cercado de criados e com acompanhamento e estado de príncipe?»¹³⁶.

De facto, Bartolomeu não entendia como pode um bispo dar mau exemplo no seu viver pois, assim, como poderia ele ser testemunha de Jesus Cristo, ter em conta as palavras do apóstolo Paulo – «não vos acomodeis a este mundo» (Rm 12, 2) – e viver um prelado com tudo aquilo que é mundano?

Neste sentido, não agir em conformidade com o mundo sempre foi o lema deste Arcebispo: *Ardere et lucere: nolite conformari huic saeculo*¹³⁷. Para além do mais, se ele vivesse no meio das comodidades que, segundo os seus contemporâneos, eram próprios da dignidade episcopal, considerava que prejudicaria os fiéis mais pobres da sua Diocese. Isto porque o Arcebispo Santo, sabendo dos sofrimentos que passavam os

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 109.

¹³⁶ *Ibidem*, 113.

¹³⁷ Para uma melhor explicação do seu lema episcopal ver: Domingos da SILVA ARAÚJO, *O Arcebispo Santo – um modelo para hoje*, 11.

mais necessitados, e aproveitando as suas rendas para o fausto, estaria a roubar aquilo que seria deles, dos pobres. Assim, para colocar um ponto final nesta discussão, alerta: «desenganem-se, que nunca me verão tão desatinado que despenda com ociosos aquilo com que posso dar vida a muitos pobres»¹³⁸.

Deste modo, olhando para a vida deste luzeiro da cristandade do século XVI, são inúmeros os acontecimentos que se revestiram de uma simplicidade própria de uma grande alma. Para tal, basta olhar para a forma com que este entrou em Braga vindo do Concílio de Trento: sabendo das festas que se estavam a organizar para a sua chegada, apressou-se para que entrasse mais cedo em Braga e de noite, de forma a não permitir que se fizesse qualquer festa. Depois de chegar a Braga, e sem tempo para descansar do caminho percorrido, apareceu na Sé para fazer as pregações quaresmais¹³⁹. Por isso, vê-se na personalidade deste bispo uma repulsa a manifestações de regozijo pela sua pessoa, supondo que poderiam advir gastos desnecessários em festejos.

D. Frei Bartolomeu desejou sempre uma vida simples, um viver sóbrio. Assim, os pedidos incessantes dirigidos ao Papa para a renúncia à Arquidiocese estavam relacionados com o desejo de continuar com uma vida simples, tal como tinha vivido na sua congregação religiosa antes da nomeação episcopal. Por isso, depois de ter sido aceite o seu pedido e de se ter recolhido ao Convento da Santa Cruz, quis voltar à pobreza e recato da sua cela. Então, chegado a Viana pede aos seus «irmãos muito amados, sempre tive grandes desejos de viver entre vós, porque sois meu contentamento e minha glória. Peço-vos por caridade que me queirais aceitar em vossa companhia, e por esmola me deis um canto deste convento pera me recolher»¹⁴⁰. Neste sentido, tornando-se Bartolomeu um religioso muito cumpridor das normas da sua Ordem, não

¹³⁸ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, 115.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, 317.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 525.

pretendia um trato diferenciado, nem qualquer privilégio, porque era apenas um frade dominicano obediente ao seu superior e amigo dos outros irmãos. Por conseguinte, pode-se entrever no seu estilo de vida um prelado que não quis «ter mais do que o seu alimento e vestuário, para não se deixarem arrastar pela cobiça de coisas supérfluas»¹⁴¹, sendo que, desta forma, Bartolomeu adquiriu uma grande autoridade e notoriedade, devido à correspondência entre os seus ensinamentos e a sua forma de viver.

3.1.3. D. Frei Bartolomeu dos Mártires, pai dos pobres

Bartolomeu, pela sua intensa atividade caritativa, presente não só em acções para com os mais desfavorecidos, mas também na paixão demonstrada para com eles, foi um pai e pastor dos mais pobre, exortando sempre a que se compadeça «de todos os que se encontrarem em alguma necessidade ou aflicção; mantém-te disposto a consolar todos, na medida das tuas forças»¹⁴². Efetivamente, ele vê que o ministério episcopal está voltado para todos, mas de forma particular para os marginalizados, demonstrando que o bispo é o pai dos necessitados, o pai dos pobres. Do mesmo modo que um pai não deixa que o seu filho pereça e vai em busca de remédio para as suas necessidades, também o bispo deve atender os pobres com «amor paternal»¹⁴³, sendo uma atitude própria e fundamental do seu ministério. Na verdade, um bispo paternal sabe que na sua missão de pastor deve arder em zelo pelas carências dos seus fiéis. Aliás, toda a sua missão tem como objetivo o bem supremo das almas, pois «os bons e fiéis prelados sabem que lhes foi confiado o cuidado das almas e não a ostentação»¹⁴⁴. Por isso, Bartolomeu insiste para que «tenha o bispo mãos largas, socorra os necessitados, tome

¹⁴¹ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 352.

¹⁴² Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Compêndio de Doutrina Espiritual*, 55.

¹⁴³ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 104.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 179.

como sua a indignação alheia; se assim não faz, de nada lhe aproveita ter o nome de bispo»¹⁴⁵. No fundo, advertia que da vida daqueles que receberam o sacramento da Ordem advém o bem ou o mal do mundo, porque eles são «os espelhos em que os outros se hão-de ver»¹⁴⁶. Desta forma, uma das preocupações que o *Bracarense* tinha era a necessidade de dar bom exemplo, tornando-se modelo na forma como ele se tratava a si próprio e como acolhia os pobres, com vista a que os fiéis o procurassem imitar.

Infelizmente, este não era o testemunho da Igreja do tempo de Bartolomeu. Os fiéis eram «ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36) e sem exemplos de virtudes e de amor paternal por parte dos pastores, como descreve o Arcebispo, afirmando que «quanto ao pasto de bom exemplo de vida, todo mundo vê quantos há que, neste caso, mais cumprem com o ofício de lobos que de pastores, quase forçando, com a eficácia do exemplo de sua vida carnal, que as ovelhas também vivam carnal e perdidamente»¹⁴⁷.

Se ele descreve a angústia do estado das suas ovelhas de forma geral, quando se refere aos pobres é ainda mais peremptório, pois os pobres, os doentes, os órfãos e as viúvas eram para o Arcebispo o «tesouro escondido» (Mt 13, 44) da Igreja do século XVI, pois havia a necessidade de os socorrer, de os tratar com amor. Assim, colocava à responsabilidade dos pastores o cuidado por este tesouro, porque o «bom pastor adapta-se a todos e procura atrair os corações de todos: mostra-se mãe tanto dos defeituosos como nos que progridem»¹⁴⁸. A prática das boas obras, tanto espirituais com corporais, tem como sentido ajudar o outro a viver, e a fazê-lo sentir a proximidade dos pastores para com a sua debilidade e sofrimento. Efetivamente, no seu ministério, Jesus Cristo personificou a prática das obras de misericórdia, sendo que a sua missão não foi apenas

¹⁴⁵ *Ibidem*, 187.

¹⁴⁶ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*, 162.

¹⁴⁷ *Ibidem*, (Proêmio) 4.

¹⁴⁸ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 179.

realizada por meio de palavras, mas de ações concretas na vida dos seus contemporâneos. E, desta forma, a Igreja é continuadora da missão e mandato de Jesus de «que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (Jo 13, 34). Na verdade, Bartolomeu bem sabia que é o Filho de Deus que pede a cada um que se encarregue do necessitado e que esteja solidário com a dor do irmão, por isso, alertava os seus padres para a responsabilidade de cuidar dos pobres, pedindo-lhes que tenham

«grande solicitação e superintendência nas obras de misericórdia (...) quanto às obras de misericórdia corporais, é obrigado vigiar sobre os espirituais, e ver se estão os pobres bem providos, e avise o Prelado do que for necessário. Vigie sobre os presos, assi pera os confessar como pera saber das suas necessidades, e se etão presos por dívidas. Os moços órfãos procure pôr com amo. Visite os envergonhados, e dê ao Prelado em rol os muito necessitados a quem ele nem per si, nem pedindo na freguesia, pode socorrer. E, finalmente, procure pera seus fregueses tudo o que tiverem necessidade do Bispo, assi pera a alma como pera o corpo»¹⁴⁹.

Neste *sexto aviso* aos curas, torna-se notória a preocupação pela prática das obras de misericórdia. Nele, «aparece o espírito de pai dos pobres. Três vezes em poucas linhas quer o Venerável, como Bispo, entrar em contacto com os pobres da sua Igreja»¹⁵⁰.

Deste modo, a responsabilidade pelos pobres, por parte dos clérigos e também dos leigos, deve levá-los a atitudes concretas, nomeadamente a obrigação de dar esmola, porque no juízo final de cada um, Deus terá que nos examinar pelo cumprimento das boas obras. Para Bartolomeu,

«todos são obrigados a cumpri-las, segundo a possibilidade de cada um, especialmente aqueles que, além do que lhe é necessário pera sua vida, e

¹⁴⁹ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*, 343-344.

¹⁵⁰ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 210

decência de seu estado, e justas necessidades, lhe sobeja renda. Porque estes, sob pena de pecado mortal, são obrigados dar todo o sobejo aos pobres, ou gastá-lo em obras pias»¹⁵¹.

Sobre esta obrigação de dar esmola, continua, referindo que «a esmola na mão do Bispo ou cura de almas transcende a misericórdia e é também meio de salvação pelo lugar que ocupa de pai e refúgio de todos os desamparados»¹⁵². E assim, como pai dos pobres, o bispo, assim como os outros clérigos, tem a obrigação de uma vida sóbria e harmónica, tendo em conta o seu estado de vida, dando-se por misericórdia e justiça a esmola a quem tanto precisa, e contribuindo-se assim para a salvação de muitas almas.

De facto, nas preocupações de um bispo, como pai dos pobres, deve-se tomar em primeiro lugar o socorro às necessidades daquelas que são as suas ovelhas. Assim, para Bartolomeu, na sua atividade pastoral, o cuidado pelos pobres, órfãos e viúvas era uma constante, sendo que «dava tudo e nada entesourava»¹⁵³. Se a Arquidiocese de Braga esperava um novo bispo para pastorear uma das Dioceses com maior prestígio e importância, vivendo com grandes luxos e pompas, o certo é que, com a chegada de Bartolomeu, dá-se uma grande mudança, pois este altera as preocupações com o fausto, preocupando-se sobretudo com a prática da caridade. Esta atenção exclusiva para com os pobres foi tal que, mal chegou a Braga, começou a «acudir liberalmente a todas as necessidades que se lhe representavam, na cidade e fora dela, mandando remediar ãas com dinheiro, outras com trigo e centeo e pão amassado, segundo a cada ãa parecia mais conveniente; de maneira que mostrava um extremo de aperto consigo e outro, de largueza, c'os pobres»¹⁵⁴, procurando não querer nada para si, nem para os seus familiares e amigos, mas somente para as ovelhas mais pobres, tratando-as com grande

¹⁵¹ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*, 120.

¹⁵² Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 223.

¹⁵³ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 63-64.

¹⁵⁴ *Ibidem*, 71.

amor paternal. Deste modo, o desprendimento dos bens matérias que possuía e pelo qual podia acudir aos pobres leva-o a considerar que «por humildade, havia tudo por mal empregado em si; e pola caridade, parecia-lhe que quanto punha em si tanto tirava aos pobres, pera os quais só queria tudo»¹⁵⁵.

Assim, na cidade de Braga, o Arcebispo tinha uma dupla missão: por um lado era Arcebispo do extenso território da Arquidiocese; por outro lado, era Senhor de Braga com o poder temporal da cidade e dos seus coutos. Nesta linha, como Senhor de Braga, deu indicações para que se fizesse um rol com todos os pobres, quer os mendigos que andam pelas portas, quer os envergonhados, incluindo também as viúvas e os órfãos de toda a cidade, para que não lhes faltasse com nada do que precisassem. Do mesmo modo, para alguns moradores da cidade que habitavam em casas alugadas mandou pagar o aluguer. De referir ainda que à quarta e sexta-feira distribuía à porta do Paço a esmola para os pobres que aí vinham ter, apesar de entregar outras esmolas para algumas instituições, como é o caso de alguns mosteiros ou conventos com grande pobreza. Também no hospital da cidade não faltava dinheiro para o que fosse necessário, sobretudo para o cuidado daqueles que não podiam pagar as despesas contraídas no estabelecimento¹⁵⁶. Ou seja, tendo a responsabilidade temporal da cidade, D. Frei Bartolomeu dos Mártires alia os seus deveres enquanto Senhor de Braga e como Arcebispo. Em síntese, pode-se recorrer às palavras do seu biógrafo, o qual evidencia que «não ficava necessidade corporal, e nem mesmo espiritual, nem pobre, nem pobreza, em toda a cidade (...) a que se não estendesse a fervente caridade do prelado»¹⁵⁷.

¹⁵⁵ *Ibidem*, 103.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 99-102.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 102.

Por outro lado, uma das preocupações, senão a primeira, que o Arcebispo tinha, era a formação do clero, porque em algumas visitas que fez já notara a enorme ignorância dos pastores, algo que se alastrava a todo o território nacional e até às várias regiões do mundo cristão. Na verdade, grande parte dos clérigos provinham da classe senhorial, os quais procuravam continuar com o prestígio social, tentando adquirir grandes benefícios eclesiásticos, situação que provocava grandes vícios não condizentes com o estado clerical, sendo alguns destes difíceis de contentar. Ou seja, o que interessava em alguns clérigos era o valor temporal em detrimento do zelo pela salvação das almas¹⁵⁸. Ora, se Bartolomeu queria implementar uma reforma profunda, teria que, em primeiro lugar, começar pelos seus colaboradores mais próximos, os presbíteros. Por isso, antes de criar o Colégio de São Paulo, instituiu aulas de casos de consciência para formar os pastores da sua Diocese. Doutro modo, nas suas visitas por Trás-os-Montes, trazia para Braga meninos pobres com grandes qualidades onde os acolhia no próprio Paço, dando-lhes tudo o que necessitassem, incluindo uma esmola mensal, sendo que também os que residiam em Braga tinham a oportunidade de aprender, sendo que o Arcebispo acolhia-os com tão grande amabilidade que «mandava dar vestido e ração a filhos de cidadãos pobres de Braga que mostravam inclinação e habilidade para as letras»¹⁵⁹. Em consequência, o Arcebispo passará a ter um clero minimamente instruído, permitindo assim levar a cabo as reformas necessárias, e criar oportunidades para que todos, ricos e pobres, da cidade ou de outros locais da Arquidiocese, obtenham formação.

Na verdade, a criação das aulas de casos de consciência é só um exemplo da ação que o Arcebispo realizou logo que chegou a Braga. Neste espírito, Frei Luís de

¹⁵⁸ Cf. Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 160-162.

¹⁵⁹ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 93.

Sousa dá conta de algumas das medidas e atitudes que Bartolomeu tomou durante os primeiros dez meses de episcopado, referindo que «o Arcebispo visitara ãa boa parte do arcebispado, vestira grande número de pobres, casara muitas orfãs, remediara outras necessidades, assentara cátedras, fundara hospitais de enfermos e hospedarias de sãos»¹⁶⁰. Em tudo isto mostrava um amor paternal que só um pai poderia dar. Nos hospitais, a presença do Arcebispo era constante, visitando todos os doentes que lá se encontravam, e tendo por especial atenção os mais pobres e abandonados. Ninguém ficava por visitar, até mesmo os padres que ficassem doentes, dos quais procurava inteirar-se do seu estado de saúde, porque «adoecendo qualquer capelão ou outro criado seu, não só fazia diligência que fosse bem curado e provido de todo o necessário, mas ele em pessoa visitava cada dia (...) e ajuntava espirituais advertências, que davam alento, e recreavam corpo e alma»¹⁶¹ ao que se encontrava doente.

Como pai dos pobres, Bartolomeu tinha atitudes de uma extrema delicadeza e amor para com eles, porque via em cada pobre a presença de Cristo, realizando sinais e gestos inéditos e inimagináveis para aquele tempo, como aconteceu numa quinta-feira Santa, onde o Arcebispo

«mandou vestir doze pobres e, posta ãa mesa na sua sala, assentou-os a ela e, depois de os servir um espaço, pondo a cada um per sua mão o primeiro prato, assentou-se à mesa e comeu juntamente com eles. Como acabaram de jantar, levou-os consigo à sé e na capela-mor, à vista do povo todo, lhes lavou os pés, o que fez com tanta devação e lágrimas que não houve peito tão duro que se não confundisse e tornasse de cera. (...) Esta cerimónia fazia despois todos os anos, e aos doze pobres, além do vestido e jantar, mandava dar na mão certa esmola em dinheiro»¹⁶².

¹⁶⁰ *Ibidem*, 136.

¹⁶¹ *Ibidem*, 654.

¹⁶² *Ibidem*, 319-320.

Na sua ação pastoral, as visitas pastorais tiveram um lugar proeminente, uma vez que, para ele, a «visita é como que a alma do governo episcopal, visto que por meio dela o pastor se comunica mais efusivamente a todas as suas ovelhas, cujo bem e proveito tão amplamente procura»¹⁶³. Aos pobres, Bartolomeu teve grande cuidado e solicitude, acudindo com grande amor às misérias materiais das suas ovelhas. Assim, em todas as visitas pastorais que levava a cabo às paróquias da extensa Diocese, não deixava de procurar saber se os seus reitores e curas visitavam os doentes, pois, se eles não cumprissem esta obrigação, recairia sobre o Arcebispo a responsabilidade pelo desleixo dos seus padres. Ao mesmo tempo, durante a sua presença nas paróquias não deixava de crismar e pregar, tendo-lhe, numa ocasião, aparecido pelo caminho um homem pobre com um menino para ser crismado, diante do qual o Arcebispo não hesitou, mandando os seus companheiros visitantes preparar as coisas para se realizar naquele mesmo local a celebração que este pobre homem pedia para o seu filho¹⁶⁴. Com efeito, visitando as paróquias de três em três anos, o *Bracarense* começava logo o seu trabalho pelo cuidado espiritual daquelas almas, e «depois dos remédios d'alma que sabia procurar como pai, e pai muito amoroso, deixava remediadas todas as necessidades corporais, que era um meio excelente pera obrarem as mezinhas espirituais»¹⁶⁵. No entanto, a missão do Arcebispo não ficava concluída, porque, para além de estar com os pobres, de falar com eles e de procurar conhecer as suas necessidades, dava ainda algumas esmolas e ainda colocava muitos pobres num rol para que pudesse mandar de Braga roupa para os vestir¹⁶⁶. Assim se demonstrou a grande solicitude de pai dos pobres que Bartolomeu desenvolveu durante as suas visitas pastorais.

¹⁶³ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 168.

¹⁶⁴ Cf. Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 85-86.

¹⁶⁵ *Ibidem*, 333.

¹⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 341.353.365.

Perante os grandes flagelos, especialmente na grande peste de 1569, havendo grande número de gente infetada pela peste, e estando os hospitais totalmente cheios, o Arcebispo não cessou de assistir aqueles que precisavam dele naquele momento de maior dificuldade, mesmo correndo o perigo de ser contagiado. Numa atitude paternal, não foge dos contagiados, antes pelo contrário, visita os doentes todos os dias, tomando informações sobre o estado de cada um. No fundo, tendo o peso da responsabilidade de cuidar daqueles que lhe foram confiados, decide assistir a tudo «com sua vigilância, e sem nenhum resguardo extraordinário de sua pessoa»¹⁶⁷.

Por outro lado, perante a permanência da escassez de meios de subsistência, Braga é assolada, no ano de 1574, com mais uma forte crise de alimentos. Todos acudiam à cidade de Braga, na busca de esmolas para poderem comprar o pão, estando este com os preços inflacionados. Perante este flagelo, a uma determinada hora, as portas do Paço abriam-se para dar esmolas, pão e carnes para aqueles que recorriam ao Senhor de Braga¹⁶⁸. Como um pai que consola os seus filhos, o Arcebispo procura ter uma atitude interventiva com os pobres envergonhados, que muitas vezes sofriam na solidão e na incapacidade de recuperar a abundância com que outrora viviam, aliás, a «experiência das comodidades antigas e a humilhação das necessidades presentes vêm acrescentar, cruel e inexoravelmente, os padecimentos inseparáveis da miséria, do frio e da fome»¹⁶⁹. Bartolomeu sabe o quanto sofrem os pobres envergonhados, por isso, até no *Stimulus* chama atenção para estes, pedindo que os bispos tenham «em conta a debilidade; e também a vergonha que afecta os que são de estirpe nobre»¹⁷⁰. Deste modo, durante a noite eram distribuídos esmolas e alimentos para a subsistência destes e das suas famílias, algo que se realizava de forma sigilosa.

¹⁶⁷ *Ibidem*, 431.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 463-464.

¹⁶⁹ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 255.

¹⁷⁰ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 188.

Na verdade, faz parte da essência do ministério episcopal ser pai dos pobres. Assim, quando a sua renúncia ao Arcebispado foi aceite, Bartolomeu recolheu-se no convento da Santa Cruz em Viana, tendo aí continuado a missão de assistir os carenciados, privando-se daquilo que era para si próprio para socorrer os necessitados. Apesar da pensão que recebia ser pequena, Bartolomeu não cessou de dar esmolas a todos os que a ele se dirigiam, quer nos caminhos por onde passava, quer nas portas do convento. Aliás, no seu dia a dia, o Arcebispo, logo após celebrar a eucaristia, ao início da manhã, sentava-se para receber os pobres e dar as suas esmolas. Quando as esmolas não chegavam para as solicitações, o Arcebispo sofria no seu íntimo, procurando outras formas de os socorrer, como «lenços, toucadores, toalhas e outras peças de seu uso que achava pola cela, quaisquer que fossem»¹⁷¹. Assim passou os dias no seu convento até à hora da morte, vivendo de forma pobre e para os pobres, chorando com «lágrimas de sangue»¹⁷² o grito dos seus pobres.

3.2. Os bens temporais da Igreja ao serviço dos pobres

Como bom teólogo e conhecedor da Sagrada Escritura, D. Frei Bartolomeu dos Mártires sabia que os bens temporais de Igreja¹⁷³ não são propriedade daqueles que governam a Igreja, mas daqueles que oferecem as suas ofertas para os fins da comunidade cristã.

Desta feita, seguindo o modelo da primitiva comunidade cristã, onde os cristãos «eram assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às

¹⁷¹ Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 549.

¹⁷² *Ibidem*, 336.

¹⁷³ Quanto ao conceito dos bens temporais da Igreja, importa referir que já no século XVI, os bens temporais correspondiam a tudo o que a Igreja possuía para atingir os seus fins. Assim, fala-se de bens móveis e imóveis. No contexto da ação de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, falamos sobretudo dos bens imóveis (quintas, terrenos, casas, florestas, ofertas monetárias e outros) dos quais se obtinha os rendimentos e rendas para os fins da missão da Igreja.

orações» (At 2, 42), vivendo todos em comum, «vendiam terras e outros bens e distribuía-m o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45). Vivendo em sincera sintonia de valores e de fé, «entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse» (At 4, 34-35). Desta forma, Bartolomeu olhava para a sua missão de conduzir as ovelhas da Arquidiocese de Braga segundo o exemplo desta comunidade, porque ele, como sucessor dos Apóstolos, afirmava-se como o principal responsável pela repartição dos bens, dando a cada um segundo as suas necessidades.

Assim seria o seu ministério episcopal. Os bens temporais da Igreja estão, por isso, em primeiro lugar ao dispor do culto divino; posteriormente são direcionados para a sustentação do clero e sua formação; e, por fim, para o exercício da caridade.

No *Stimulus Pastorum*, o Arcebispo projeta algumas virtudes relacionadas com a administração dos bens temporais da Igreja, idealizando a relação que cada prelado deve cultivar para com os bens temporais da Igreja, sendo que, logo na primeira referência que faz a esta temática, alerta que roubar o que é do altar é um sacrilégio:

«Não tens o direito de viver no luxo à custa dos bens da Igreja, nem de os gastar em superfluidades; apenas te é lícito usar deles para teu sustento. Não te é lícito locupletar-te a ti, nem promover os teus parentes, como também não te é lícito edificar palacetes. Tudo o que reténs, fora do sustento necessário e do vestuário simples, que pertença ao altar, não é teu, é um roubo, um sacrilégio. Diz o mesmo São Bernardo: Não dar aos pobres o que é dos pobres é crime igual ao do sacrilégio; é que os bens eclesíásticos são património dos pobres»¹⁷⁴.

¹⁷⁴ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 82-83.

Na mesma linha, também alertava para que os bispos não se preocupassem com o fausto e o luxo, bem como não gastassem todos os bens para o seu sustento, uma vez que «tudo o que sobra para a vaidade subtrai-se às necessidades dos pobres»¹⁷⁵, pois a fome e a miséria dos pobres não se calam perante tanta sumptuosidade. De facto, o Arcebispo sentia nos seus ombros a responsabilidade de distribuir os bens da Igreja com justiça, porque os que fazem as contribuições são os pobres, caracterizando os bens da Igreja como «património dos pobres»¹⁷⁶. Desta forma, o bispo deve repartir com bom uso e com grande moderação os bens, não em seu proveito próprio ou da sua casa, mas para bem da Igreja, procurando evitar que uma postura de fiscalizador das ofertas que dos fiéis oferecem. Porque não haverá «coisa mais indigna de um bispo, do que afanar-se pelos móveis e bens de sua casa, indagar tudo, inquirir de tudo, roer-se de suspeitas, deixar-se arrastar por coisas loucas e vãs? Digo isto para vergonha de alguns que todos os dias examinam os seus haveres, tudo contam, e de tudo exigem contas minuciosas até ao último ceitil»¹⁷⁷. Para Bartolomeu dos Mártires, se houver um bispo com estas características, o mesmo não estará conforme com o espírito do Evangelho, assim como não estará a imitar os seus antecessores, os apóstolos. Neste sentido, a preocupação de um prelado não deve estar relacionada com as pedras mortas, mas sim com as pedras vivas da Igreja, cuja responsabilidade do seu cuidado recai sobre ele, não tendo autoridade para esbanjar os bens da Igreja no fausto episcopal¹⁷⁸.

Deste modo, e não querendo elaborar uma definição nem um esboço da história sobre os bens temporais da Igreja a nível jurídico¹⁷⁹, passar-se-á a analisar a forma

¹⁷⁵ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 101.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 115.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 135.

¹⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 243.

¹⁷⁹ Para aprofundar a origem, sentido e a evolução histórico-jurídica dos bens temporais da Igreja, remete-se para o artigo publicado, em separata, de: Sebastião PIRES FERREIRA, “Bens eclesiásticos/ Fábrica da Igreja”, in *Lusitania Canonica*, 9 (2003), 93-121.

como este prelado, durante o ministério episcopal, colocou os bens temporais da Igreja ao serviço dos pobres.

De facto, a prática da caridade, na pessoa dos mais pobres, foi um dos pontos fortes da ação pastoral que Bartolomeu dos Mártires incluiu no seu programa, dando rosto às atitudes que os evangelhos descrevem sobre Jesus, fazendo dele o Bom Samaritano do século XVI, que presta auxílio a quem dele necessita: aos pobres, incluindo os envergonhados, aos órfãos e aos doentes. Ele bem sabia que qualquer clérigo tinha a obrigação de dar aos pobres aquilo que lhes pertencia, bastando, para isso, ser comedido na forma como gastava os bens, para que os pudesse repartir. Caso eles negassem aos pobres aquilo que lhes pertencia, estes bem «podiam gritar às portas, ou até ao mais recôndito dos aposentos episcopais: Dai-nos o que é nosso, se não clamaremos contra vós diante do Senhor dos bens confiados à vossa administração: Senhor, ele não nos quer dar o que lhe deste a ele, para nos dar a nós»¹⁸⁰. Perante tanta solicitude pastoral, Bartolomeu começa a colocar os bens ao dispor dos necessitados. Assim, para além de distribuir alimentos e vestuário, sente o dever de socorrer com ofertas monetárias. Consequentemente, Bartolomeu alerta para que a esmola «seja dada com amor puro e sincero; não se dispenda imoderadamente, para angariar simpatias. (...) A Igreja possui dinheiro, não para o guardar, mas para o dar, socorrendo as necessidades, etc. É melhor conservar os vasos vivos, do que os de metal»¹⁸¹.

Ao longo da sua ação enquanto Arcebispo e Senhor de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires sempre aliou a necessidade do exercício das obras de misericórdia com o dever de dar esmola, procurando que os bens da Igreja sirvam a esta sua finalidade. Por conseguinte, todos os bens da sua Igreja particular não estavam

¹⁸⁰ Bartolomeu dos MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, 194.

¹⁸¹ *Ibidem*, 188.

destinados para se entesourar, mas para que fossem distribuídos pelos pobres, tanto em esmolas que frequentemente oferecia às portas do Paço episcopal, quer nos caminhos por onde passava. Assim, para que esta sua obrigação fosse levada adiante, resolveu encarregar pessoas para o cargo de tesoureiro, as quais se deviam destacar pela grande dedicação para com os pobres e na forma reta como distribuía as esmolas¹⁸².

Neste sentido, a dádiva de esmolas tinha um sentido muito forte para o Arcebispo, a ponto de considerar que se limitava a cumprir apenas a sua obrigação, «porque os pobres que a recebiam eram os proprietários dos bens e rendas da sua igreja, e dar-los era tornar o seu a seu dono»¹⁸³. Desta mesma forma, procurou sempre socorrer às grandes calamidades, em especial pestes e crises, por meio dos bens da Igreja, que «foram postos totalmente ao serviço dos afectados»¹⁸⁴, assim como o conforto da presença da sua pessoa nestas mesmas situações.

Em suma, o ardente zelo pastoral que Bartolomeu possuía levou-o à inconformidade com o destino que era aplicado aos bens da Igreja. Depreende-se, pois, que a colocação dos bens temporais da Igreja ao serviço dos pobres constitui uma das bandeiras do seu ministério episcopal, marcando a ação da Igreja do século XVI, tratando-se, no fundo, de uma «revolução» mais ou menos silenciosa, cujos frutos ainda perduram.

¹⁸² Cf. Luís de SOUSA, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, 69.

¹⁸³ *Ibidem*, 332.

¹⁸⁴ Raul de Almeida ROLO, *O Bispo e a sua missão pastoral*, 258.

Conclusão

Decorridos quase 430 anos após morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, a sua voz e ação ainda ressoam nos nossos tempos. A sua postura como um permanente pastor, não caindo na insensibilidade de não pensar nas pessoas e nas preocupações com que elas se confrontam, demonstra a sua pertinência e exemplo para a ação pastoral da Igreja do século XXI.

Ao concluir este estudo, pode-se afirmar que Bartolomeu possuía dois grandes poderes que permitiram desenvolver um ministério pastoral exemplar: o poder da palavra e o poder das suas obras. No fundo, era algo que o diferenciava de todos os clérigos. Conjugar a palavra e as obras não era tarefa fácil, sendo que hoje ainda se torna difícil encontrar em alguns ministros da Igreja estes dois poderes. Verifica-se que as palavras de Frei Bartolomeu não eram as mais suaves para os ouvidos dos seus interlocutores, palavras que os incomodavam e até desinstalavam. No fundo, é de admirar como é que as palavras encontraram tanto eco. De facto, o poder da palavra tem sempre espaço na vida, mas só se torna eficaz com o poder das ações.

D. Frei Bartolomeu possuía dons extraordinários que se fizeram notar no desempenho das suas funções como Arcebispo e Senhor de Braga, assim como no seu contributo de padre conciliar. Ao longo do trabalho realizado, procuraram-se sublinhar as virtudes presentes na sua personalidade, tais como: a sua invulgar cultura, sobretudo no âmbito da teologia; a sua inteligência perspicaz; o ardente zelo apostólico; o amor pelos mais pobres; e a santidade de vida. Todos estes dons permitiram que Bartolomeu se afirmasse como um bispo do século XVI e para todos os tempos futuros.

A teologia bartolomeana é cristocêntrica e, conseqüentemente, a sua ação pastoral também o é. O Arcebispo sabe que ter os mesmos sentimentos que Cristo implica um estilo de vida pautado pela humildade e pobreza, contrapondo aos valores da

riqueza, do poder e do prestígio que fervilhava nos clérigos. Deste modo, a ação caritativa para com os pobres tinha duas vertentes: o combate da pobreza do ser e da pobreza do ter. Mais do que dar o pão necessário para a boca do pobre, era igualmente necessária a sua formação cultural e religiosa, de onde brota uma atitude de constante serviço e de partilha dos dons, quer a nível cultural como material.

De referir que a dificuldade com a língua latina leva a que as obras que ainda não estão traduzidas não tenham sido estudadas, esperando-se que tal seja realizado num futuro trabalho. Efetivamente, num estudo com maior desenvolvimento, seria interessante procurar refletir sobre qual poderá ser o contributo de Frei Bartolomeu dos Mártires nos tempos hodiernos, para a vida e ação pastoral da Igreja perante os desafios que quotidianamente lhe são lançados, especialmente na relação que o seu ministério episcopal se assemelha ao atual ministério petrino do Papa Francisco. No entanto, em jeito de conclusão final, delineiam-se alguns dos aspetos do seu legado pastoral que continuam ainda de voz viva para a atualidade pastoral do tempo presente, sobretudo por meio da palavra, da oração e da caridade.

Em primeiro lugar, é de realçar a sua capacidade intelectual e a sua formação teológica. Não há dúvida que estes aspetos contribuíram, e muito, para o sucesso pastoral por meio da palavra, sobretudo por meio das pregações. A ignorância religiosa foi um problema a que o Arcebispo Santo se deparou nas visitas pastorais, tanto no povo de Deus como dos sacerdotes. Para tal, recorreu à sua instrução, ora através das formações/pregações por onde passava, ora por publicações que doutrinassem os fiéis e clérigos, como é o caso do *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*. Este ponto é de grande atualidade. Na Igreja, há necessidade que os presbíteros sejam o sal e a luz para poderem dar sabor e iluminar, à luz do Evangelho, os caminhos dos Homens. Esta foi, e continua a ser uma necessidade do tempo presente: pastores bem formados e

habilitados nas diferentes dimensões da vida presbiteral. Por conseguinte, é necessário que os presbíteros procurem formação para desempenharem com maior diligência o seu múnus pastoral, e acompanhem o desenvolvimento das ciências teológicas, contribuindo, para isso, a formação permanente do clero. Consequentemente, com pastores bem formados, os primeiros beneficiários desta formação são os fiéis leigos. Ainda hoje existe muita ignorância em relação às verdades fundamentais da fé cristã.

Declarado como Arcebispo Santo pelo povo, a sua santidade de vida foi motivo para tal invocação. Desde cedo, a vida de oração de Frei Bartolomeu foi intensa, desde o seio da família, passando pelos claustros dominicanos, pela missão de conduzir a barca da Igreja Arquidiocesana, até à sua resignação e recolhimento para uma vida marcada pela oração. Bem sabia o Arcebispo que para ser santo teria que viver uma vida totalmente dedicada à oração e à caridade. Inflamado por uma intensa vida de oração, Bartolomeu é modelo para a Igreja de hoje. A devoção ao Santíssimo Sacramento, a forma como celebrava os sacramentos, de uma forma particular a Sagrada Eucaristia, a oração a Liturgia das Horas e outros exercícios pios eram meios para a sua própria santificação e santificação dos seus fiéis. Por isso, mais do que nunca, a Igreja, no anúncio da alegria do Evangelho deve, em primeiro lugar, inflamar-se por uma vida espiritual intensa.

Por último, trata-se do momento para se debruçar sobre uma das suas maiores virtudes e exemplos para a nossa atualidade: a caridade e o seu amor pelos pobres. São muitos os episódios que nos relatam a predileção e amor pelos pobres. Desde muito novo que o cheiro da pobreza atraía o Arcebispo, para além de que o cerne do Evangelho é o anúncio de Jesus Cristo aos pobres, sentindo-se vocacionado a uma vida marcada pela pobreza evangélica. Assim viveu Frei Bartolomeu. Assim, hoje, a Igreja é chamada a viver. Saber que os pobres ainda são os primeiros destinatários do

Evangelho de Jesus Cristo, e que a Igreja está convidada a viver neste espírito de abnegação aos bens materiais. Há necessidade de uma mudança de paradigma por parte da Igreja, abandonando uma lógica materialista para adotar uma lógica de justiça e de caridade. Por outras palavras, deixar que o modelo da ação caritativa de Bartolomeu se espelhe na Igreja do século XXI.

Bibliografia

Obras de D. Frei Bartolomeu dos Mártires

MÁRTIRES, Bartolomeu dos, *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, Movimento Bartolomeano, 15ª edição, Fátima, 1962.

_____, *Estímulo de Pastores*, Movimento Bartolomeano, Braga, 1981.

_____, *Compêndio de Doutrina Espiritual*, Movimento Bartolomeano, Lisboa, 2000.

MARTYRIBUS, Bartholomaeus de, *Theologica Scripta*, vol. I, Movimento Bartolomeano, Bracarae, 1977.

_____, *Theologica Scripta*, vol. II, Movimento Bartolomeano, Bracarae, 1973.

_____, *Theologica Scripta*, vol. III, Movimento Bartolomeano, Bracarae, 1974.

_____, *Theologica Scripta*, vol. IV, Movimento Bartolomeano, Bracarae, 1974.

_____, *Theologica Scripta*, vol. V, Movimento Bartolomeano, Bracarae, 1975.

_____, *Theologica Scripta*, vol. VI, Movimento Bartolomeano, Bracarae, 1975.

Bibliografia geral

ABREU, José Paulo Leite de, “As Petições e o Stimulus Pastorum de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cenáculo*, 2ª, 41, 159 (2001-2002), 7-19.

ABREU, Laurinda, “Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII): estratégias de intervenção social num mundo em transformação”, in

- Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, Edições Colibri - CIDEHUS-EU, Lisboa, 2004, 11-26.
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, Livraria Civilização, Porto/Lisboa, 1968.
- _____, *História de Portugal*, vol. III, Editor- Fortunato de Almeida, Coimbra, 1925.
- ARAÚJO, Domingos Silva, *O Arcebispo Santo – um modelo para hoje*, Diário do Minho, Braga, 2001.
- _____, (Org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Memória da sua Beatificação*, Arquidiocese de Braga, Braga, 2002.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, “A protecção dos Arcebispos de Braga à Misericórdia de Viana da Foz do Lima (1527-1615)”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, Edições Colibri - CIDEHUS-EU, Lisboa, 2004, 239-259.
- BARBOSA, David Sampaio, “Stimulus Pastorum: texto e contexto de uma proposta de renovação”, in *Lusitania Sacra*, 15 (2003), 15-41.
- CALDAS, José, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires (profana verba)*, Coimbra Editora, Coimbra.
- CARDOSO, José, *O IV Concílio Provincial Bracarense – e D. Frei Bartolomeu dos Mártires (introdução, versão em vernáculo e anotações)*, APPACDM, Braga, 1994.
- CASTRO, José de, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável*, Diocese de Bragança-Miranda, Bragança, 2014.

- _____, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. IV, União Gráfica, Lisboa, 1945.
- _____, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. V, União Gráfica, Lisboa, 1946.
- CUNHA, Rodrigo da, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga (reprodução fac-similada)*, vol. II, Braga, 1989.
- FERREIRA, José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (sec.III-sec.XX)*, Tomo III, Edição da Mitra Bracarense, Braga, 1932.
- _____, *História abreviada do Seminário Conciliar de Braga e das escolas eclesiásticas precedentes*, Edição da Mitra Bracarense, Braga, 1937.
- FERREIRA, Sebastião Pires, *Bens eclesiásticos/ Fábrica da Igreja*, in *Lusitania Canonica*, 9 (2003), 93-121.
- GOUVEIA, Maurílio de, “Espiritualidade e acção pastoral segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Um exemplo da visão personalista da pastoral”, in *Bracara Augusta*, 42 (1990), 157-170.
- JEDIN, Hubert, *Il tipo ideale de vescovo secondo la riforma cattolica*, Morcelliana, Cremona, 1950.
- LIMA, José da Silva, “As grandes linhas da acção pastoral de D. Frei Bartolomeu”, in *Theologica*, 2, 37, 2 (2002), 245-268.
- _____, “Actualidade pastoral do catecismo e práticas espirituais de Frei Bartolomeu dos Mártires”, in Raul de Almeida ROLO (Org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Estudos-Textos-Documentos*, Movimento Bartolomeano, Braga, 1990, 215-225.

- MARQUES, João Francisco, “O prelado, o povo e a conjuntura: solidariedade social e solicitude caritativa de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cadernos Vianenses*, 33 (2003), 33-58.
- MARQUES, José, “Actualidade do legado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Theologica*, 2, 29, 2 (1994), 447-464.
- _____, “Subsídios para o estudo da Arquidiocese de Braga no século XV”, in *Bracara Augusta*, 30 (1976), 3-35.
- MATTOSO, José (Dir.), *História de Portugal*, vol. III, Circulo de leitores, Lisboa, 1993.
- NEIVA SOARES, António Franquelim Sampaio, *A Arquidiocese de Braga no século XVII. Sociedade e mentalidade pelas visitas pastorais (1550-1700)*, Braga, 1997.
- _____, “Aspectos da vida sócio-religiosa da Comarca de Moncorvo nos últimos séculos da administração Bracarense. O desmembramento desta Comarca da Diocese de Braga e a renúncia do Arcebispo”, in *Brigantia*, 2 (1982), 5-24.
- _____, (Org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Visitas pastorais pessoais na Arquidiocese Primaz de Braga (1559-1582)*, Arquidiocese de Braga, Braga, 2014.
- OLIVEIRA, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Publicações Europa-América, Nem Martins, 1994.
- PAIVA, José Pedro, “O episcopado e a “assistência” em Portugal na Época Moderna (séculos XVI-XVII)”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, Edições Colibri - CIDEHUS-EU, Lisboa, 2004, 167-196.

PALOMO, Federico, “De pobres, obispos y misioneros. Otras formas de asistencia en el Portugal de la época moderna”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, Edições Colibri - CIDEHUS-EU, Lisboa, 2004, 29-46.

POLÓNIA, Amélia, “A actuação assistencial do Cardeal Infante D. Henrique. Linhas de um modelo de intervenção pastoral”, in Laurinda ABREU (Ed.), *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*, Edições Colibri - CIDEHUS-EU, Lisboa, 2004, 135-154.

ROLO, Raul de Almeida, *O Bispo e a sua missão pastoral segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Movimento Bartolomeano, Porto, 1964.

_____, *Bartolomeu dos Mártires. Obra social e educativa*, Movimento Bartolomeano, 2ª edição, Porto, 1979.

_____, *Formação e vida intelectual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Movimento Bartolomeano, Porto, 1977.

_____, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires. “O Arcebispo Santo”*, Movimento Bartolomeano, Porto, 1957.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol III, Verbo, Lisboa, 1978.

_____, *História de Portugal*, vol IV, Verbo, Lisboa, 1979.

SOLEDADE, Maria da, *Bartolomeu dos Mártires. O “Arcebispo Santo”*, Humbertipo, Porto, 1983.

SOUSA, Luís de, *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, Imprensa Nacional Casa da Moeda/Movimento Bartolomeano, Lisboa, 1984.

SOUSA, Pio Gonçalo Alves de, “Presença patrística na obra teológica de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in Raul de Almeida ROLO (Org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Estudos-Textos-Documentos*, Movimento Bartolomeano, Braga, 1990, 61-69.

VIANA, Rui A. Faria (Org.), *D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Colectânea de textos*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2014.

Índice

Introdução	4
1. Aspetos biográficos	7
1.1. Da infância à nomeação episcopal.....	7
1.1.1. Infância	7
1.1.2. A vocação dominicana.....	9
1.1.3. Formação e vida académica.....	10
1.1.4. Nomeação episcopal	12
1.2. Arcebispo reformador.....	13
1.3. Arcebispo Conciliar	18
1.4. Renúncia e morte do Arcebispo.....	22
1.5. Obras escritas.....	26
2. Contextos da ação caritativa	33
2.1. Contexto social do Arcebispado	33
2.1.1. Ponto de vista demográfico	33
2.1.2. Ponto de vista económico	35
2.1.3. Epidemias e pestes	36

2.2.	Assistência da Igreja no século XVI.....	40
3.	Desenvolvimento de uma teologia da caridade	46
3.1.	Ação assistencial de D. Frei Bartolomeu dos Mártires	46
3.1.1.	Os pobres no exercício da caridade	49
3.1.2.	Simplicidade como estilo de vida	51
3.1.3.	D. Frei Bartolomeu dos Mártires, pai dos pobres	58
3.2.	Os bens temporais da Igreja ao serviço dos pobres	67
	Conclusão	72
	Bibliografia	76
	Índice	82